

A

0006691653



UC SOUTHERN REGIONAL LIBRARY FACILITY

LIBRARY
UNIVERSITY OF CALIFORNIA
RIVERSIDE



O VISCONDE
DE
OUGUELLA

PERFIL BIOGRAPHICO

POR
CAMILLO CASTELLO BRANCO



PORTO
TYP. PEREIRA DA SILVA
Praça de Santa Thereza
—
1873



O VISCONDE DE OUGUELLA



10# 3019470

O VISCONDE
DE
BUGUELLA

PERFIL BIOGRAPHICO

POR
CAMILLO CASTELLO BRANCO
!!!

—•••—
PORTO
TYP. PEREIRA DA SILVA
Praça de Santa Theresa
—
1873

A'

Illustrissima e Excellentissima Senhora

Viscondessa de Ouguella

Offerece

com reverente amisade e intranhada gratidão

Camillo Castello Branco.

DP 645
0803

O Diario de Noticias de 16 de novembro de 1872 conta, em linguagem singela, um lance que tem grandeza na expressão silenciosa das lagrimas dos pobres.

Diz assim :

Quando veio a ultima leva de presos da relação do Porto para o Limociro, mais de trinta mulheres que os acompanhavam choravam a sua sorte, e a de seus filhos, e maridos ou irmãos, e lastimavam-se por terem fome, pois haviam vindo toda a viagem sem alimento algum. A senhora viscondessa de Ouguel-la, que vinha descendo dos quartos, onde seu marido está preso, vendo aquelle infortunio, mandou dar uma farta esmola a essas desgraçadas para alimentos, e pousada, e a algumas para ajuda das despesas no regresso ás terras de sua naturalidade.

Em nome d'aquelles filhos, e maridos, e irmãos degradados, esqualidos e famintos; — em nome d'aquellas mulheres afflictas que chamavam irmãos, filhos, e maridos a esses desgraçados sem culpa de haverem nascido, deponho aos pés de V. Ex.^a este livro, se ha n'elle, sequer, um pensamento que descondensz a tristeza escura que envolve a alma de V. Ex.^a tão excruciada por angustias de mãe e esposa.

Eu não me affoitaria a solicitar de V. Ex.^a a mercê de me aceitar esta dedicatoria, se houvesse maculado o livro com uma pagina ardilosa.

Não pude dizer da nobre alma do visconde de Ouguella quanto V. Ex.^a sabe. Creio até que ha infelizes e ha ingratos que sabem mais do que eu das virtudes d'elle, cuja affabilidade do viver intimo revelou-m'a V. Ex.^a no silencio doloroso com que a vi contemplal-o no carcere.

A compensação das amarguras de hoje, minha Senhora, hade dar-lh'a a sociedade, quando o visconde de Ouguella, esquecendo o ultrage de antigos amigos e inimigos novos, voltar ao altar das ideas sacrosantas com as vestes impollutas do sacerdocio que tão egregiamente exercitou.

Porto, 2 de dezembro de 1872.

PREFACIO

RELEMBRA tudo que é da infancia quando a vida nos vai no cabo. A' beira do tumulto vem as saudades do berço. Compraz-se ahi a alma lagrimosa em se andar a despedir amorosamente das nubladas imagens que se lhe refulgem com o alvor das primeiras primaveras.

A meu lado, no banco da escola de primeiras letras, em Lisboa, por 1834, sentavam-se dois meninos, filhos de um amigo de meu pai. Estou vendo, além, para lá da cerração de trinta e oito annos, aquellas duas creanças loiras e formosas, pedindo commigo a Deus que nosso mestre, o snr. João Ignacio Luiz Minas Junior fosse para a guerra.

Por que o nosso professor era guerreiro por aquelles tempos. Com uma das mãos na palmatoria e outra na espingarda, acudia pelo decoro do Lobato e pela restauração da monarchia representativa. Nas batarias do campo de Ourique devia de ser um bravo João Ignacio; e, no gyneceu modestissimo da rua dos Calafates, era um apaixonado fautor da religião do participio, e das outras não menos respeitaveis partes da oração. Isto vai ha muitissimos annos: era n'um tempo em que se aprendia syntaxe.

Dos dois meus condiscipulos um chamava-se Carlos, o mais novo dos dois, que tinha então seis annos.

D'aquella creança estou bosquejando hoje um perfil de biographia. Vai n'isto o que quer que seja para scismar e intristecer. E' a poesia melancolica—o funesto condão dos homens que vivem muito da vida intuspectiva.

N'aquelle anno de 1834 nos apartamos. Meu pai morreu. E, como eu já não tivesse mãe nem fosse inteiramente pobre, a desgraça deparou-me parentes em Trazos-montes onde vim a intender que não ha lagrimas bastantes a deplorarem o destino de um orfão, com oito annos de idade, e as faces quentes e humidas dos ultimos beijos e das ultimas lagrimas de seu pai.

Os dois rapazinhos, que deviam ter-se esquecido ao separarem-se em 1835, encontram-se, quatorze annos depois, e entre-lembram-se.

Mais tarde vi o meu condiscipulo exalçado ao posto de grandes nobilitações, com o louro do talento intrançado na coroa de visconde.

N'este encontro não se admirou o meu animo, atreito a espantar-se das borboletas que se desatam a voar de larvas nauseabundas. Carlos Ramiro Coutinho inno-bredera com as suas insignias fidalgas tanto a si quanto aos seus cooperadores nas lides do espirito, demonstrando que, algumas vezes, era concedido ao intendimento medir-se hombro por hombro com os argentarios que hontem despiram o albornoz surrado do moderno judeu, e vestiram hoje a casaca arrejada de veneras, para amanhã incitarem os governos a atagantarem a plebe, *recostados nos sophás, para onde se atiraram de cima do tamborete de couro ou da cadeira de pinho*, consoante o phrasear grandioso do snr. Alexandre Herculano. (*)

(*) PROLOGO da *Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal*, pag. vii.

Raras vezes nos aproximou o acaso; todavia, qualquer que fosse a tibiêza da minha fé em cordialidades de homens abastados, no apêto de mão e sorriso affectuoso e lhaneza de tracto do visconde de Ouguella, havia um tacito queixume da minha desconfiança.

Quando, ha tres mezes, se abriu uma sepultura para lhe receber dos braços a enteada, estremecida como filha, e ao mesmo tempo se lhe fechavam os ferrolhos do carcere, debuxou-se em minha alma o amarissimo transe d'aquella familia. Escrevi-lhe então, por que prézo em dôbro os meus amigos, se elles resvalam da sua invejada fortuna a umas dôres que ninguem inveja e raros respeitam. Quando são virtual ou ostensivamente felizes, chêgo a esquecêl-os, não por inepto orgulho, mas por sentir que lhes não sirvo de nada. Se sei que elles soffrem, tiro do coração as riquezas que lá tenho amea-lhadas — lagrimas condensadas em não sei que pensamentos com que alguma vez tenho logrado auxiliar a reanimação de alentos desfallecidos. Conta-se este sestro sem presumpção, por que sei que ninguem me hade cobiçar o predicado, nem eu o inculco em fôro de coisa prestadia ao amenho dos negocios de sujeitos atinados. Pelo

ordinario, d'esse affecto extremoso a pessoas opprimidas pelas maiorias, ressurtem-me odios e injurias. E' isso perdoavel e muito consoante á natureza humana. Toda a gente reflexiva procede com juiso, deixando que a lei decida desasombradamente dos que lhe deslizeram ás prezas por imprudencia suspeita de crime ou por catastrophe que despedaçou primeiro o peito e o cerebro do delinquente. E é como deve ser. Eu, porém, que devia tam-bem ser escoreito e são, e me vejo aleijado pelas pancadas da calunnia, não posso ir, no caminho da vida, direito como vão os outros. Se acerto de encontrar na estrada de ruim pizo algum amigo que tropeçou, começo de lhe dizer tudo que sei da divina philosophia da paciencia para lhe mitigar não tanto a dor da queda, como o sentimento das affrontas que desabam sobre todo homem, cahido. O bando de fundibularios, que resaltam e apedregam no couce do infortunio, isso é que é atroz. Um homem, que o sabe ser, põe peito á desgraça, e raro se lhe dobra; mas demanda insigne valentia isto de sacudir das costas as farpas da gentalha que engravatou o pesoço nas guarda-roupas dos perseguidores poderosos.

Ainda bem ! O visconde de Ouguella, sereno e

nobremente conformado com o papel de personagem temeroso que lhe distribuiu a maldade aliada ao susto, não dá lança ás condolencias dos amigos, nem obriga a rethorica dos visitantes de prezos a desintranhar-se em phrazes consolativas.

A sua tristeza tem certa hombridade que é a tacita accusação da injustiça. Não profere palavra que denuncie amor nem odio a systemas de governo. Transparece-lhe do sorriso contrafeito o asco de que trasborda aquella alma, o enôjo da covardia, que afivelou a mascara do zelo pela corôa, e lhe faz tregeitos e carrancas por de traz do espaldar do throno. Homens assim dispensam a piedade dos amigos para que a commiserção dos inimigos não ouse enxovalhal-os.

E, por tanto, este escripto é tão somente o esbôço de uma vida ainda vigorosa e já honradamente esclarecida; não é van e incompetente illucidação á critica juridica, nem apêllo aos arbitros, a cargo de quem está vindicar o civismo do visconde de Ouguella tão desprimorosa e cruelmente injuriado.

O desforço, já começado pelo respeitavel accordo que lhe depura o desdoiro de perturbador de dynastias,

deu-lh'o ao benemerito cidadão a inteireza dos magistrados, perante quem a fama, assoprando na trombeta do accusador publico, reproduzia as atoardas das praças, malsinando o querellado com projectos d'um Cromwell, ainda denegridos pelo despatriotismo de Miguel de Vasconcellos, e uns taes quaes propositos sobremodo ardentes de queimar Lisboa. Nunca se viram parvulezas, tão tragicamente mascaradas.

Hoje, a opinião publica sabe que o illustre prezo era adversario politico do ministerio; não sympatisava com as pessoas investidas no poder. Este barbarissimo crime de não amar o governo, e... mais nada. E o publico, por não poder sahir com o seu espanto em mais solemne expressão, ri.

Quarenta annos de constitucionalismo, trabalhado de conspirações, umas heroicas, outras abjectas,—quarenta annos de indefesso antagonismo, sanguinario quando o rebate da lucta rufava nas cazernas, tôrpe quando se maquinava nas urnas, sordido quando conjurava nas intrigas das camarilhas; e, depois, a attricção dos republicanos tocados na alma por aquelle deus ignoto que os Paulos usam evangelisar aos cathecumenos, quando as

alcatifas dos paços lhes abafam o bater ponderoso dos pés; e, por ultimo, as notaveis refundições que o tempo tem feito, estanhando a catadura dos demagogos em semblante ridente e prazenteiro de pagens da tocha—tudo isto rebenta das mais serias mandibulas uma gargalhada revolucionaria, quando a gente sabe, ao cabo de contas, que o visconde de Ouguella está prezo por que, não afeiçoado a estes ministros, estava em boa convivencia d'uns politicos affectos a outra ordem de coisas dirigidas por outra casta de homens.

Aqui, porém, ha lances tristes que impõe silencio á zombaria.

São descabidos gracejos quando a mal-querença, ou dirive de origem ridicula ou da tyrannia anachronica, dispára em soffrimentos grandes, apaga a luz da felicidade domestica, intrando ás salas ainda escuras dos crepes de um passamento, e estanca a liberdade de um homem, abatido pela dor, com as grades de um carcere, ferindo-lhe a honra insidiosamente, e pondo-o, em tão dorida situação, rosto a rosto das lagrimas de esposa, de mãe e de filho, ao mesmo passo que uma ordem de deportação de um membro, nem

sequer suspeito, d'essa familia, completa a cruêza do vexame.

A mansidão da indole d'esta boa gente occidental, a já quasi delida memoria do façanhoso regimen do conde de Basto, a tal qual persuasão de nos estarmos dili-ciando na liberdade de mendigos a quem é, ao menos, concedido execrar os ricos e morrer ao ar e sol das estradas—em fim a decantada liberdade portugueza, repugnam a crer exequível a intolerancia levada á extrema dos odios politicos. Isto não parece de Portugal nem dos espiritos que a fama de longe nos tem apregoado dignos de regerem os impulsos de uma liberdade honesta; uns por que aventaram a maior equidade em direitos do homem, ideando a republica; outros porque arpoaram as pastas na onda menos limpa da revolta; algum por que deve á indiferença publica em coisas de moral o ter subido as escaleiras por onde outros se despenham ao desprezo do mundo—em summa, é triste que ali no Limoeiro esteja o visconde de Ouguella como holocausto propiciatorio do desvergonhamento civico de tanta gente!

Saibamos quem foi e quem é este homem que tem de ser defrontado com o governo que lhe imprópria intui-

tos amotinadores. Levemos d'elle uns traços, ainda que muito em sombra, á presença d'este formidavel tribunal que se chama a razão do povo — a consciencia serena das multidoens.

— CHESNÉ —

I

No dia 23 de junho de 1871, em Palhavan, nos arrabaldes de Lisboa, expirou um ancião, que amára muito a liberdade da sua patria, e se devotára com desusada lealdade aos homens que se lhe figuraram continuadores denodados da iniciativa de D. Pedro iv. Era Ricardo Sylles Coutinho, pai do actual visconde de Ouguella.

Eu tinha oito annos, quando em 1835 a sua casa commercial, no Chiado, era o confluyente dos liberaes que elle havia conhecido no Limoeiro, onde os pavores do patitulo muitas vezes lhe levavam novas dos correli-gionarios inforcados. Recordo-me dos seus cabellos já brancos n'aquelles dias que vão tão longe. Deviam de ser intempestivas as cans. Giara-lhe na frente o inverno

álvido das noites de carcere, arára-lhe o frescor da vida ainda vigorosa o terror da morte e a saudade da esposa e filhos.

Depois, exultando por se haver immolado á restauração da legitima soberana,—symbolo e esperança da menos improvavel desoppressão da familia portugueza,—Ricardo Sylles Coutinho parecia remoçar na felicidade dos outros, abstendo-se de haver o benemerito quinhão de interesses na proporção dos sacrificios. Os seus companheiros de carcere não o viram depois no banquete dos vencedores.

Quando os empregos, e as honras e as indemnisações se pediam tão de barato quanto de barato se davam, Ricardo Coutinho permanecia negociante, grangeando na honra do desprendimento o que lhe escasseava em bens da fortuna.

No discurso de trinta annos, manteve-se sempre observantissimo propugnador da crença que na mocidade o ungira para a lucta. Não se lhe dava da ingratitude dos homens nem da iniquidade dos aventureiros bem sorteados na loteria das posições. Servia o emblema da idéa divina idólatramente, sobpondo-lhe no estrado do altar as vaidades e os desforços descabidos em indole tão izenta.

Ainda em 1844 prestou assignalada protecção a um

periodico, tanto mais odioso ao governo de então, quanto o seu insigne redactor, o snr. Antonio Rodrigues Sampaio incutia pavor aos despotas, arvorando o estandarte do maximo progresso. A' coragem, inergia e destemor do velho liberal se deveu então a resistencia do periodico perseguido. Aceitou, no Limoeiro, a responsabilidade das doutrinas do fogoso publicista; expoz-se ao mais certo alcance dos rancores pessoaes; reduziu os seus modestos haveres em obscura oblação ás avançadas aspirações da pleiade dos Passos e Sabrosas — nomes que projectam um raio de luz gloriosa na frente de quem lhes foi de par nos levantados alentos.

Da turba heroica d'esses homens feitos na escola dos Mousinhos e Aguiares, uns desceram ao tumulto na sação ardente da esperanza; outros sequestrou-os da vida publica o desengano, o tédio, a renuncia do opprobrio; outros, em fim, alanciados pela ingratição, mas sopesando o queixume como quem receia o desdouro de humilhar-se a ingratos, abafaram a sua dôr, sacudiram as sandalias á porta dos chatins da patria em almoeda, e morreram na adoração da idea, abominando a simonia dos sacerdotes.

No raro numero d'estes illustres soldados da phalange de 1833 estava Sylles Coutinho. Elle foi um dos que morreram involtos na bandeira immaculada da Liberdade.

Veneranda reliquia, rijo coração que tanto estremecêra o avô e a mãe d'este soberano, em cujo reinado o seu filho querido devora as amarguras do carcere!

Nos seus derradeiros dias, anciava-o o desejo de vêr a estatua do Imperador, que lhe foi toda a vida uma sagrada saudade. Era já tarde, porém. Carlos, o filho extremoso que lhe amparava no seio a face, promettia-lhe levar-o a saudar com as lagrimas derradeiras o seu quasi legendario heroe. E esta esperança o embalou, dulcificando-lhe a agonia, até que o coração amantissimo do velho amigo de Pedro iv parou de pulsar de encontro ao coração dos filhos.

Este era o pai do visconde de Ongnella, prêzo politico, na cadeia de Lisboa desde agosto de 1872. O ancião finou-se á hora providencial. Esquivou-o a morte á penetrante dôr de ter de se arrastar hoje ao ultimo sobrado do Limoeiro para ir contar ao seu Carlos as afflicçoens que alli passára. Deixou-lhe, todavia, a alma no seio da sua viuva, uma senhora, que veste a sua dôr de magestosa resignação, e vai cada dia, ao lado da esposa de seu filho, alumiá aquelle recinto lugubre da mais esplendorosa formosura que pôde idealisar-se em uma nobre tristeza.

II

CARLOS Ramiro Coutinho nasceu em 30 de julho de 1828. E' sua mãe a ex.^{ma} snr.^a D. Rosa Maxima da Silva Coutinho. A Providencia guardou-lhe aquelle thesouro que tira em sorrisos de conforto as amarguras que lhe esconde no coração. Alli, no carcere, á volta do visconde, encontrei todos os dias esposa, mãe e filho.

Não sei se já poderei chamar-lhe a elle infeliz, quando uma augusta e santa serenidade reluz nos semblantes das duas senhoras que se confortam da nobre placidez do prêzo.

Carlos deve a sua educação litteraria a João Rodrigues da Silva, irmão de sua mãe, homem rigido em antigas preoccupações sociaes, monarchista absoluto, mas tolerante e avêssô ás repressoens sanguinarias pregoadas no

altar por amor do throno. Sem embargo da convivencia e obrigação, o sobrinho do legitimista era filho do liberal. Sangue e dever, indole e tradiçoens impulsaram-no para onde o chamavam o talento proprio e os impetos juvenis.

E assim foi que, aos dezesete annos, Carlos Coutinho manifestava, na *Illustração*, periodico do abalisado publicista o snr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, generosos sentimentos democraticos, patrocinando a eterna demanda dos pobres contra o egoismo dos abastados.

Por esse tempo, o precoce pensador, não bem destro ainda para se medir com o gigante dos preconceitos, estudava preparatorios afim de matricular-se na faculdade de Direito. Foram pouco menos de singulares a aptidão e esforço com que, em menos de dois annos, se habilitou em humanidades, por maneira que á volta dos vinte já estava matriculado. Era-lhe emulo então na perspicacia e nos premios o snr. Augusto Barjona, áquelle tempo digno de o rivalisar, depois professor diserto e lucidissimo, e hoje ministro de mediana estatura intellectual, com um certo pendor ás deliciosas inercias com que o talento, as mais das vezes, anda germanado. Estes dois mancebos hombreadam por tal modo no direito ás distincçoens, que houve então parcialidades academicas, ambas concordes no respeito aos dois talentos, mas ciosas da primazia do seu

escolhido. Como quer que fosse, o caracteristico assignaladamente distincto dos dois era perspicuidade na percepção, subtiliza critica, e sobre tudo verbosidade elegante.

De par com as tarefas academicas, Ramiro Coutinho, em idade tão florente e pelo ordinario divorciada de graves intentos, operou zelosamente na instrução do povo, affeiçãoando-se mais de coração ás classes trabalhadoras. De camaradagem com estudantes e operarios, promoveu reunioens com o intuito pacifico e racional de fundar o *Centro promotor dos melhoramentos das classes laboriosas*. Foi elle quem convocou, na qualidade de redactor do *Ecco dos operarios*, a primeira reunião, em outubro de 1851, onde se discutiram os expedientes mais consentaneos á convocação das classes obreiras.

A' volta de Carlos Ramiro Coutinho agruparam-se mancebos de notaveis e já hoje realizadas esperanças, entre os quaes avultava um dos mais correctos e concludentes oradores parlamentares de hoje em dia, o snr. João Antonio dos Santos e Silva.

Se a instrução então propagada beneficiou o operario, aligeirando-lhe os gravames da sua condição, não é assumpto que nos venha aqui de molde. Para multissimos louvores é de sobra o intento; e, como exemplo de quanto era sincero e amoravel o affecto d'aquelles moços

na sua evangelisação do ensino, copiaremos a proposta de um d'elles, applaudida entusiasticamente por todos: «Se era permittido a elle (professor de leitura e escripta) chamar para a sua aula todas as crianças indigentes qualquer que fosse o seu estado de pobreza e miseria?»

Dulcissimo espectáculo este! Rapazes, na quadra menos propria de devoção humanitaria, aporfiados em repartir do pão da alma com os desvalidos da attenção dos governos e abandonados á herdada condição das trevas! Que superabundancia de instinctos caritativos na academia d'aquelle tempo, incitada pela palavra poderosa e insinuante de Carlos Ramiro Coutinho, ao redor de quem conspiravam no mesmo proposito outros mancebos, uns já mortos, outros obscurecidos, e alguns, ainda bem, aproximados das altas posições que lhes competem!

D'aquelle anno de 1852, temos um documento onde se revelam, a intervallos, as vigorosas faculdades de Ramiro Coutinho como publicista das idéas avançadas. É a *Introducção* que precede a *Revista historico-politica de Portugal, desde o ministerio do marquez de Pombal até 1842*, por João Antonio dos Santos e Silva. Exuberam ahi relanços de socialismo; todavia, é obrigatorio confessarem os mais timidos exorcistas d'aquelle palavra, que o socialismo do joven academico é a caridade dos iniciados no cenaculo por divina intuição, vestida ao tra-

jar moderno, com preceitos em vez de parabolias, com pregoens d'altos clamores em logar de humilhadas corte-zias á obduração dos poderosos. E' um socialista que proclama a necessidade da religião como elo interposto na cadeia que prende o trabalho ao saber. Escreve Ramiro Coutinho:

«A religião, a sciencia, e a industria são tres cadeias solidarias, que prendem o homem em todas as suas transformações. Sem ellas o triumpho completo da democracia é irrealisavel; sem ellas todas as nossas aspirações para um futuro grandioso hão de consumir-se em sonhos phantasticos; ao passo que o cancro do indifferentismo, da corrupção, e do crime ha de minar os mais nobres preceitos da moralidade em que se basêa a democracia.

Sem fé, e sem actividade só pôde haver escravidão, e embrutecimento».

Este socialista, desviado das utopias que então escandeciam os caudillos dos proletarios, não pede a repartição da propriedade: pede o ensino, exhora as riquezas da alma que não fazem implicancia ao direito da propriedade tangivel e cubiçada dos que sentem fome e sêde d'amor e de justiça. Pergunta-se —

exclama o advogado das classes escurecidas pela profunda ignorancia:

«Pergunta-se — se os gozos, se os prazeres pertencem unicamente a um pequeno numero de homens? — se a maioria, se as classes proletarias, se os Spartacus da civilisação moderna tem de escolher entre o pensamento ignominioso nas gemonias do seculo XIX, ou nas barricadas, nascidas do desespero, que a miseria e o ardor do martyrio obriga a levantar? Pergunta-se — se o monopolio, se a concorrência são os dogmas injustos, e tyrânicos, que hão de destruir as massas, como o carro do idolo Jagrenat, entre os indios, esmaga o craneo dos bramanes, ou se a associação, esse credo dos assalariados das industrias, que os economistas victoriam — pôde acabar com o pauperismo, e obstar á ignorancia dos povos, palladio deshumano a que os ambiciosos se seguram?»

A razão que o moveu a prefaciá o livro do seu irmão em crenças está em phrases indicativas do pertinaz sentimento de apêgo á instrucção do povo, que se revelou em todo o correr da juventude de Carlos Coutinho:

«A educação, nas classes pobres da nossa terra, tem sido despresada: o povo ignora tudo; porque tudo

lhe é vedado. Convinha pois, que á frente d'um livro, que narra com singeleza as tristes vicissitudes porque a governação entre nós tem passado; que aponta sem exagerações, como a liberdade vai sendo sophismada, fossem estampadas algumas linhas, que levassem a esperança a corações para quem a educação é um miseravel scepticismo, e a vida um sudario de pungentes dôres.»

São decorridos vinte annos. O visconde de Ouguel-la, nos saloens do seu palacio, nobilitado por serviços de natureza que lhe denotam a popularidade e constante dedicação ás classes carecidas do favor do seu talento ou dos seus haveres, não duvidaria hoje subscrever de novo aquellas palavras escriptas sobre a pobre banqueta do seu quarto de estudante. Vel-o-hemos sempre, pois, na correnteza da vida, com a fronte nobilitada entre os grandes, e o coração entre os pequenos, que lhe deram os foros mais graduados de sua fidalguia.

Aquelles cinco annos de formatura são um cyclo de honesta e laboriosa juventude. So é mister saborear as alegrias nem sempre louvaveis, mas perdoaveis dos annos em flôr, para que um homem diga de si que viveu ditosa mocidade—essa não a teve Ramiro Coutinho.

Seriedade precoce, austeridade de costumes, inleivos ardentes de gloria util, lavor incessante de estudo pa-

ra desde logo fazer prastadias ao seu futuro as habilitações tão lustrosamente alcançadas—este foi o scôpo onde visava a prudencia do academico.

Plena justiça lhe fizeram os seus lentes. O snr. doutor Vicente Ferrer Neto de Paiva, em carta de 3 de agosto de 1854, convidava-o a ir ao sexto anno, glorificando-o de haver sido o quintanista mais distinctamente informado em litteratura. Bazilio Alberto e outros revelam em cartas, sequentes á formatura do seu dilecto discipulo, rara dedicação e estremado testemunho do seu merecimento.

III

M 22 de junho de 1854, inscreveu-se Carlos Ramiro Coutinho como advogado, e escolheu para iniciador na carreira brilhante, que se lhe agourava, o insigne jurisconsulto Pinto Coelho, eloquentissimo por igual no fôro e na assembléa legislativa. E tanto era o fervor do discipulo e amor ao trabalho que já nas ferias do 4.º para o 5.º anno, em vez de desfadigar-se do aturado estudo escolar, havia praticado com aquelle mesmo eminente advogado, de quem vimos um attestado das mais honrosas qualificações em abono de zelo, intelligencia e probidade do discipulo, confirmados com a transmissão dos poderes que lhe estabelece em todas as suas procurações, no caso de impedimento. Suprema regalia concedida pelo eminente advogado ao juvenil bacharel, que apenas acabava de abrir escriptorio!

Logo em julho do mesmo anno foi nomeado ouvidor junto do conselho de estado; e, em março do anno seguinte, proposto e unanimamente approved socio supra-numerario da Associação dos advogados de Lisboa.

O renome de Carlos Coutinho não foi grangeado gradualmente e atravez dos estorvos que usam empecer á manifestação dos talentos auspiciosos. Divulgou-se o nome illustrado pelo exito das suas primeiras tentativas, que mais pareciam o effeito de assiduo estudo e larga experiencia da tribuna forense. Já antes de elevar-se onde o subiu uma celebre cauza-crime de que ao diante se fará especial nota, o novél advogado acareára o galardão de homens, cuja respeitabilidade e preeminencia lhe prenunciavam esplendida carreira.

Julio Gomes da Silva Sanches, graduando-lhe a valia como advogado em pleitos concernentes á Companhia do Gaz, escrevia-lhe em 1855: «Na assemblea geral discutiu V. a questão com summa habilidade, com a intelligencia superior de que é dotado, e com toda a força de suas convicções. Isto já era muito. E V. ainda fez mais, por que foi summamente grave em quanto lhe ouvi, e teve o immenso poder de guardar todas as conveniencias... Assim é que se assignalam e illustram os grandes talentos.»

Em portaria de 12 de dezembro de 1855, o ba-

charel Carlos Ramiro Coutinho foi nomeado delegado do Procurador regio na comarca de Mafra, de que pediu a sua exoneração em 9 de janeiro do anno immediato.

Convidavam-no triumphos mais adequados á sua propensão, e mais vantajosos como gloria e como estipendio. A carreira da magistratura, de si nobilissima e proporcionada tanto para o exercicio dos primorosos dons do intendimento quanto dos da honradez, não lhe podia, ainda assim, satisfazer as aspiraçoens a um maior luzimento decorosamente adquirido em bons serviços á sociedade. Affectos invenciveis de orador impulsavam-no para o fôro: ali é que toda a claridade da sua aureola se devia desferir do embate ruidoso da convicção eloquente contra os prejuizos arreigados—da audacia de um coração moço e ardente de sentimentos humanissimos contra a braveza da lei salpicada do sangue das forcas—sem descontar na depravação dos criminosos a profunda escurêsa que vai na alma d'aquelles onde a luz da instrucção não alvorejou a manhan da consciencia.

Carlos Coutinho, desde os primeiros assomos de sua intelligencia, arcara peito a peito com a pena de morte, imprecando-a com fervorosa ira. No dia, pois, em que lhe dessem um réo a resguardar do esparto do verdugo, devia de ser caudalosa a torrente dos protestos contra a pagina sanguinaria do codigo penal onde se legis-

lava o matar com as terrificas solemnidades do triangulo, da corda, do carrasco e da tumba.

Succedeu então o tristissimo caso da morte do conselheiro Ildelfonso Leopoldo Bayard, ministro e secretario de estado honorario, assassinado por André Turnes, seu creado, na noite de 25 de janeiro de 1856.

Carlos Ramiro Coutinho enrostou-se com as difficuldades invenciveis na defeza de scelerado tão justificadamente convicto. Era aquelle um lanço de experimentar a mão; e, quando mais não fosse, uma oportunidade para realces de engenho e arrojadas invectivas contra o expediente da força.

Pois, sem embargo das luminosas provas que abafavam a habilissima defeza, Ramiro Coutinho, se não suscitou duradouras duvidas no animo do jury, decerto vingou captar o assombro pela arguciosa arte com que, sem desdouro, conseguiu estatuir a hypothese da innocencia do assassino.

Não se pergunta, nem é racional perguntar se, no espirito do causidico, perpassou a ambiciosa esperanza de arrancar o réo ás mãos da justiça: não. No que elle forcejou foi em arrancar o ás mãos do verdugo. Este vigoroso tentamen vibrou apostrophes eloquentissimas e commoventes que deram ao discurso notoriedade ainda hoje celebrada.

Dá-se o traslado de algumas passagens que mais ressaltam da porfia do orador contra a pena de morte.

Reportando-se aos brados da opinião publica, unanime em pedir o patibulo para o assassino, exclama:

«Mal me persuadia eu então que teria de vestir esta toga como patrono do accusado! Quando ouvi essa decisão tremenda da opinião, firme e assente como sanção irrevogavel, quando escutei as maldições que cahiam sobre o accusado, os desejos que se manifestavam de que suba ao patibulo, de que lhe enrosquem aquella garganta ferida com a soga do algoz, perguntei a mim mesmo, quantos seculos se tinham passado desde a epocha em que um povo depravado pela corrupção, feroz pela tyrannia, gritava «às feras!» nos circos de Roma, e applaudia freneticamente a queda dos gladiadores, até ao seculo XIX, até á existencia d'um povo, que caminha á luz do progresso, baseado n'um codigo politico, liberal, e civilizador!

Perguntei, então, até quando esta feroz e implacavel lei de talião, esta lei do sangue pelo sangue havia de ser uma maxima indestructivel e irrevogavel. Perguntei até quando estas penalidades que a Religião aborrece, que a civilisação regeita, que abrem abysmos na consciencia, que fazem empallidecer todo o homem pen-

sador, que ousam ser irreparáveis sabendo que podem ser cegas—perguntei até quando esta feroz e sanguinaria lei de talião, que faz duvidar da humanidade quando fere um culpado, e quando fere um innocente, faz duvidar de Deus—até quando esta lei barbara, porque faz derramar sangue, injusta porque tira a Deus o que só a elle é dado—até quando esta lei podia ser formulada e invocada por bocca de homens, que pensam, e que fallam á sombra da liberdade, da philosophia e do progresso!

E não vêdes que a pena de morte se chama muitas vezes o martyrio?—Não vêdes que a esse patibulo que invocaes tem subido a religião, a liberdade, e a innocencia?—Não vêdes que a vida é de Deus, e que só a elle pertence tudo quanto é indissolúvel, irreparavel e irrevogavel?

Responde-se-me com a opinião publica ! Onde é esse tribunal que quero eu ir lá com o réo, e ser julgado por esse gigante, que amedronta, que aterra, e que fere com a peor de todas as armas—com a arma da irresponsabilidade e do mysterio!

Responde-se-me com a voz das maiorias ! A voz das maiorias é muitas vezes a fogueira da Inquisição, as carnificinas de S. Bartholomeu, as vespas sicilianas, as execuções politicas, e as deportações para Jersey!

Para que eu, snrs. jurados, preste culto a essa formidável opinião publica, que se traduz em maiorias—era mister que as visse eu, a essas maiorias, erigidas em tribunaes imparciaes e impassiveis, apreciando provas, discutindo presumpções, e analysando severa e miudamente os mais tenues indícios, e as mais ligeiras probabilidades. Em quanto assim se não fizer, eu recuso curvar-me perante o seu tremendo e implacavel veridictum, e declaro-me, e confesso-me réo de lesa opinião publica!»

.....

São tocantes e magestosas de desanimo as ultimas phrases do discurso. Alentos, coração, humanidade, talento—parecia tudo esfriar e contrahir-se descorçoado diante da sombra do patibulo, que, uma hora depois, o juiz em sua sentença mandou arvorar no Caes do Tojo para justicar André Turnes.

Estas são as phrases que rematam o discurso de Carlos Coutinho:

«Quanto a mim, resta-me a honra de ter pelejado com a forca, esta peleja solemne e derradeira. Se eu fi-

car vencido, se triumphar o carrasco, tanto peor para o seculo em que combati e para a philosophia que invoquei.» (*)

(*) Historia do processo feito aos criados do conselheiro Bayard, e sessão do julgamento, acompanhada dos discursos do dr. delegado e defensores dos réos. Pelo advogado Luiz Antonio d'Araujo. Lisboa, 1856. (O condemnado morreu na cadeia.)

IV

AQUI nos occorre commemorar um amigo, que ha muitos annos se desatou das adversidades que o acorrentaram á vida. Era D. José de Almada e Lencastre, da casa de Souto de El-rei, um moço que tragava o fel da pobreza pela taça do talento — vasilha brilhante em que um cego acaso faz porejar todos os venenos que roem as intranhas e abrasam o cerebro até o consumirem.

D. José de Almada era muito querido de Carlos Ramiro Coutinho, bem que o author da PROFECIA, levado da poesia das cathedraes e saudades das pompas historicas de seus avós, houvesse jurado fidelidade, tão sem lucro quanto respeitavel, ao pendão enrolado da monarchia absoluta.

Todos os que nasceram depois de 1840 se recor-

dam das ovaçoens feitas á PROFECIA, drama byblico do illustrado fidalgo. Datam de 1853 os jubilos do dramaturgo, desconto ephemero nas suas inveteradas amarguras, que para pouco mais fôlego lhe deixaram vida.

Ramiro Coutinho saudára o drama do seu amigo com uma carta, onde transluz o enthusiasmo dos vinte e tres annos travando-se de mão com subidos sentimentos de fraternidade litteraria, bem-querença politica e admiravel copia de boa litteratura. (*) Devem sorrir graciosas ao visconde de Ouguella estas reminiscencias do seu madrugar no dia das lides litterarias. Bem pôde ser que de tão longe lhe bafejem auras perfumadas das primaveras que então lhe florejavam. Por amor d'isso lhe reproduzimos duas paginas da formosa carta que elle enviou a D. José de Lencastre, e depois veremos como o filho do visconde de Souto de El-rei lhe retribuia na moeda immaculada com que mutuamente se abasteciam as almas visionarias d'aquelle tempo em que ainda se apreciava o immenso capital da gloria:

.....
«A carta que te escrevo quero que a tomes não como uma critica ou apreciação do teu drama; mas sim

(*) NAÇÃO, n.º 1:170, de 7 de setembro de 1853.

como um tributo que vem pagar á verdadeira amizade o condiscipulo do alvorecer da tua vida litteraria. Crea-va-nos, então, e enrobustecia-nos, nos primeiros estudos da infancia, a crença viva da religião de nossos pais. E a religião, a amizade, e as lettras, prenderam-nos, para sempre, desde a mais tenra idade. Que importa que mais tarde distincções politicas nos trouxessem a campos tão diversos? Consulta, como eu tenho feito, a tua consciencia, e dize-me se o lodo com que a mãos ambas todos os partidos se maculam, manchou já um sentimento, que o amor pela mesma religião e pela mesma patria, não deixou esfriar. Quando a peleja andava mais acêza; quando os exilios, e as expatriações de todos os partidos ateavam as paixões, que se traduziram pela guerra civil—então os odios velhos não cançavam, os recontros juntos dos baluartes do Porto, as lagrimas das viúvas, os prantos dos orphãos, e os brados do exilio confundiam-se por tal arte, que era então um crime a tolerancia;—a virtude, e o heroismo symbolisavam-se na espada e na carabina—e irmãos contra irmãos, filhos da patria contra filhos da patria, buscavam, n'estes recontros odientos, a gloria que acompanhára o pendão das quinas, quando se desfraldava ao vento das batalhas em pelejas com agarenos, ou em luctas com castelhanos.

A nós, apenas nascidos n'essa quadra—a innocen-

cia da infancia fazia-nos considerar amigos os que fallavam a mesma lingua—e olhavam como irmãos, e portuguezes aquelles que para os mais velhos eram inimigos irreconciliaveis. E, se queixumes ou imprecações chegavam a nossos ouvidos, que podia a singeleza da infancia apreciar em luctas do homem?—que sabiamos nós, então, de dissensões intestinas para afferir inimisades tão arreigadas? Felizes de nós por termos chegado á adolescencia n'esta candura d'alma, e n'esta virgindade de affeições! Felizes de nós, pois quando as crenças politicas nos levaram a arraizes estranhas, nos divisamos sentados em differentes tendas, á sombra de diversos pendões, sabiamos já discriminar, que só queriamos o bem da patria, e que os meios empregados era a causa unica, que nos faria commungar em ágapes tão distinctos. Estas palavras, meu caro D. José, são menos para ti, que para estranhos. Se nunca em longas horas de intimidade e de expansão nós dissemos estas cousas, bem certo estou que, assim como eu, as tinhas gravadas no fundo de tua alma. E senão fôra d'este modo como poderia eu ter-te abraçado com as lagrimas nos olhos, tomado de uma verdadeira commoção n'aquella noite — noite que a amizade me fará sempre lembrada—em que o publico corôava um dos benemeritos da scena portugueza! Eu, que nunca tive in-

veja, louvado Deus, de coisa nenhuma d'este mundo; eu, que sou dos primeiros a applaudir sendo dos ultimos que valem applausos—tive, n'essa noite, pela primeira vez, e creio que pela extrema, uma inveja immensa e verdadeira—não das ovações que recebeste, não da corôa que te puzeram na cabeça os homens de merito que a tua penna enthusiasinou; não do diploma de talento que a chancellaria da opinião publica te passava:—tive inveja da benção que n'essa mesma noite te havia de deitar teu pai—tive inveja d'esse quarto de hora em que teu pai vendo-te encetar gloriosamente a mais honrosa carreira, que trilham passos de homens, apertando-te sobre o coração, te havia de dizer palavras que um filho enthesoira com respeito; porque são ellas o mais nobre brazão que póde deixar a seus netos. Estás certo que acompanhei o teu drama desde que o concebeste, em dias bem tristes, até hoje que publicado, o tenho sobre a meza? A critica occupou-se d'elle como de bem poucas cousas se tem occupado n'este paiz, e póde ter o orgulho de que bem poucos tem sido os escriptores, que tenham merecido, entre nós, uma analyse tão imparcial, e graciosa das illustrações da nossa epocha. O teu drama não é transição a meu vêr, entre esta ou aquella escola, não o edificaste sobre esta ou aquella fôrma d'arte. Concebeste-o por muito tempo, estudaste-lhe a epocha, profun-

daste aquella face de civilisação, com a sobriedade de subsidios, que comporta o paiz em que nascemos, e vastaste-o n'um molde teu. A PROFECIA sahiu d'um jacto —é uma peça inteira.

Não te lembrou então se calçavas o coturno do tragico, ou se te democratisavas com o socco da arte contemporanea. A critica que caminha grave e compassada, quando alinhar estes porticos da nossa litteratura, dirá como se prende esta producção tua ás tragedias de Sophocles e de Euripedes, e como te avisinhas dos magnificos trabalhos de Corneille e de Racine. Com a certeza mathematica, acompanhada de erudição profunda, explicará como a arte de hoje e os moldes da escola romantica se cazam, e esposam as primicias do teu talento...

.....

Escusavas dizer-nos o que te faltou. Faltou-te conversar com as solidões da Palestina—solidões que dizem o que os homens não podem escrever. Não ajoelhas-te ao enxergar a cidade santa. Como um dos mais brilhantes poetas dos tempos modernos, não te sentaste nas margens do mar morto; não interrogaste as cinzas d'aquellas cidades de outr'ora; não te reclinaste á sombra dos cedros do Libano; e não paraste nas agruras do Sinai para escutar se a palavra de Jehovah soava ainda.

Faltou-te tudo, e fizeste muito. Chateaubriand e Lamartine pintaram com côres vivas e ricas, porque moeram as tintas e estenderam-nas na palheta aos raios do sol da Asia, e ao crepusculo da Palestina. O local é tudo. Foi nas noites dos tropicos que Bernardin de Saint Pierre meditou o Paulo e Virginia; foi nos cerros das montanhas da Escocia que Macpherson sonhou a Ossian; foi no ardor das guerras de guelfos e gibelinos, debaixo do famoso céu da Italia, que Dante, no tumultuar das paixões, e no sobresalto do soffrimento creou a Divina comedia.

O acontecimento que o drama desenha é uma d'aquellas catastrophes gigantes que atemorizam ainda longos seculos depois. A lucta do judaismo, do christianismo e do paganismo é tremenda. A religião da cruz triumphou. E a palavra de Deus sôa n'esse momento, mais solemne ainda do que o fôra na sarça ardente, ou nas alturas do Sinai. Tu não quizeste ser completamente classico, nem ultra-romantico. Quizeste primeiro que tudo ser verdadeiro—e dar á verosimilhança o que poderas pedir á imaginação. A sumptuosidade do scenario, que, para muitos foi um excesso—tenho para mim, que devia acompanhar o drama. Onde não ha Talmas, nem Rachéis; onde os Fredericos Lemaitre não abundam; onde o espectador, em vez de defender o actor, tem de estar

sempre em defeza do auctor, é preciso que os olhos se entrettenham pela scena, quando a physionomista do artista nada revela. Demais o que seria o templo sem a riqueza do scenario?—o que seriam os jogos sem a munificencia do imperio romano?... »

.....

Volvidos dois annos, D. José de Almada e Lencastre, aquilatando o discurso do defensor da vida de André Turnes, denunciava quanto o seu espirito era da luz que lhe alumiára o berço, e quanto difficil é, senão impraticavel, estancar em diques de ferro a torrente limpida das aguas que derivam de manancial puro. E' vél-o, como o ideal da perfeição humana lhe resplende das sombras contrafeitas, da ficção poetica do preterito, da treva condensada no palacio senhorial em ruinas, e na sala dos retratos carcomidos de baroens, e maltezes e prelados que parecem assistir melancolicos ao funeral da sua posteridade.

Vai quasi integralmente a carta que elle publicou na *Nação*, e nos faz saudades d'aquelle espirito gentil, que tão perfeitamente avaliou os dons de intendimento e co-ração de Carlos Ramiro Coutinho:

«Ainda nos encontramos, meu Carlos.

Que importa ao sahir do templo das letras cada

um tomasse por seu caminho? Um fosse offerecer a convicção, o braço, a vida e o cabedal d'intelligencia que Deus lhe deu á bandeira branca, e o outro tambem a intelligencia e o braço, tambem a vida do coração e da cabeça a outra bandeira? •

Cada um de nós creu, de certo, que ia pelear pela boa causa; cada um de nós pensou, sem duvida, que ia offerecer á liberdade, á justiça, ao direito, aquella vida e aquella força.

Podemos ir errados, mas estamos anticipadamente absolvidos pela sinceridade da intenção, pela verdadeira e leal vontade de sermos uteis á terra de nossos paes, e á patria do nosso braço.

De todo esse sonhar de creanças, que se nos começou a erguer d'alma ou transformado n'um amor indefinido como as paginas de Ovidio, ou convertido n'um ardente amor de reputação como os heroes de Plutarco, já com um enthusiasmo fervente de liberdade nos periodos de Tacito, já com a paixão da eloquencia politica em Cicero e Tito Livio, uma coisa nos ficou deveras gravada n'alma, ao sahir das escholas, e em que louvado Deus nos não desmentimos, apesar do contagio do exemplo—o amor da nossa terra—e a consciencia e a sinceridade com que nos lançamos na vida do trabalho.

Era este o nosso cogitar d'aquelles tempos felizes,

e de entusiastica innocencia, em que por mais de uma vez davamos ao sonho, o que roubavamos á lição, havendo porém entre nós esta differença: — Tu dotado do talento da palavra (fui eu o primeiro, logo depois da tua consciencia, quem, talvez ainda te lembres, te revelei este talento) improvisavas com um rapido passar d'olhos sobre o assumpto d'aquelle dia, coisa muitas vezes melhor do que a propria lição; eu possuidor apenas d'aquella vida interior que precisa da excitação para mostrar-se, na hypothese de ter alguma valia; se essa excitação me não acudia n'uma palavra de censura, ou n'algum gesto d'acrimonia, ai de mim, que ficava sempre a cem leguas do mesmo pouco que podia valer!

Feliz de ti, que cultivaste esse talento magnifico, e feliz de mim que assistindo ao desabrochar d'esse talento em flôr, lhe posso agora admirar a suavidade de perfume e o saboroso do fructo; que assistindo á primeira e já limpida aurora do seu nascimento, o vejo agora erguer-se radioso e bello, cheio de calor, de esperanza, de vida e de fé para se interpôr entre o algóz e a vida de um homem, e dizer a um:—Se a pena em virtude da qual exerces uma função social estivesse na consciencia da sociedade, que a manda executar, não seria vil o mister, que exerces, nem degradante a posição que occupas entre essa sociedade, que é a primeira a

deshonrar-te, expellindo-te do seu seio para a escoria da especie humana. A sociedade, porém, não é logica degradando e aviltando o braço, que ella arma, é a pena que é vil, é o cadafalso que é abjecto, é a lei, que repugna á consciencia publica, que não é justa porque lança a duvida da propria intelligencia que a impõe, perguntando-se a si propria, depois de ajustadas as contas com a razão, com a sciencia, com a philosophia e com a religião, se um crime póde punir outro crime?

.....

O teu discurso face a face com a justiça dos homens, n'um paiz, em que a pena de morte está ainda tão arreigada ao solo, como segura nas entranhas da lei, o teu discurso face a face com essa justiça, alumiado só pelos magníficos esplendores da justiça de Deus, é uma d'essas paginas lyricas, reflexo brilhante de uma convicção innata, que objurga a injustiça de uma pena, que só Deus póde impor, porque só elle é o autor da vida.»

.....

V

Com quanto intervenha extemporanea a referencia a outros discursos forenses de Carlos Ramiro Coutinho, cêdo á suavidade com que muito a sabor vou recordando estes lances da sua biographia, por serem, senão os mais gloriosos, de certo os mais estremes de desgostos.

Não espacejarei d'um discurso a outro a interposição dos annos, por que não encontro que o talento do orador haja esmorecido dos primeiros impetos, nem a circumspecção e pratica da idade menos florida lhe additou recamos oratorios que minguassem nas suas estreias.

Temos memoria de um notabilissimo discurso, proferido em 1857, em defeza dos réos José Tavares e Eugenia Tavares, accusados de assassinio. Os periodicos

d'aquelle anno, e nomeadamente a *Civilização* de 5 de maio, desfiaram por miudo os dotes de orador que robusteceram o renome do Ramiro Coutinho. No periodico referido sobresaem passagens que realçam pelas galas do estilo sem desaire da verdade. Não ousou recompor palavras em que luz o justo enthusiasmo de escriptor que viu e ouviu o insigne causidico:

«Teve a palavra o snr. dr. C. Ramiro Coutinho. O auditorio respirou como quem sáe de uma athmosfera suffocadora, para o ar livre de um ambiente vivifico.

A presença do joven advogado é altiva sem orgulho; a physionomia anima-se e exalta-se ás primeiras palavras, como indicio infallivel de que na mente se lhe agitam as idéas que hão de sulcar a torrente caudal, com que a eloquencia arrebatava os animos e as convicções, fazendo muitas vezes soçobrar a verdade mal esteiada.

O aspecto do fecundo advogado, mais civil que forense, mais guerreiro que juridico, é mui vantajoso para as assembleas populares, quaes as audiencias de jurados—o julgamento do povo pelo povo.—O réo julgado pelos seus pares, parece assim estar defendido tambem por um d'elles. Sem toga quizeramos que os advogados defendessem os réos perante o jury. Esta distincção entre a justiça e o povo, daria ao nosso foro o aspecto do foro romano antigo, onde os patronos se não recommendavam por cartas de bacharel, nem por insignias officiaes, mas pelo sabor, pela eloquencia e pela sua reputação.

O snr. Coutinho parece destinado para esta innovação liberal, pela sua indole, pela sua palavra, pela

feição característica da sua oratoria, e até pelo civismo e arrojo da sua presença.»

E' profundamente verdadeiro este conceito da indole oratoria de Ramiro Continbo.

Os que ainda o não viram na tribuna forense ou parlamentar, nas palestras intimas ao capricho da inspiração, ou nos momentos de briosa impaciencia provocados pela injustiça, podem prefigural-o pelo retrato, que parece fielmente copiar uma phisionomia e por igual traçar as mais relevantes feições, para assim o dizer, d'um espirito.

E' aquella fronte graciosa e altiva, olhos de tanta suavidade quanta penetração, brandura que se dilue como em lagrimas quando a vehemencia da paixão lhe fulgura na fronte;—sorriso que as interpretaçoens maliciosas podem, a seu talante, malsinar de sarcastico, e que desarma os que procuram embail-o com travessuras de lisonja ou abjeçoens de vil esperteza. Adivinha-se-lhe a perspicacia e a ousadia de pensamento. Alli se vê que está a alma a olhar de fito contra as frechas da injuria como olharia para as blandicias da gloria. Tão pouco pôde com elle o receio da desdita como a jactancia das prosperidades da sua carreira afortunada. E' um semblante que franquea aos espiritos bemquerentes a entrada aos actos intimos de sua alma. Ha n'aquelle erguer de face a mo-

desta sobranceira de quem não sente pezo de consciencia que lh'a faça inclinar. Que o tecto seja artozoadado dos imaginosos estuques do palacio, ou seja vigamento sujo da caliça frigida do carcere, a fronte eleva-se-lhe sempre á altura onde não chegam fragancias perturbadoras de felicidade nem o ar viciado das enxovias. O retrato exprime o que falta n'esta descripção. Póde o estylo ter escurezas; mas n'aquelle aspecto a claridade é a diffusão da alma, é como luz que se projecta por todas as paginas do livro.

O civismo e arrojo da sua presença—disse o redactor da *Civilisação*. Expressoens felizes!

E, depois, a phrase tersa das suas oraçoens argúe pratica de bons livros quanto a vernaculidade, de modêlos optimos no que toca á urdidura das ideas. Nada de turgidez nem composturas de falsos addresses. Louçanias commedidas em lusitanissima locução. Ornatos de vanidades rethoricas, nenhuns; imagens poídas de velhos exemplares, excluidas; artificios estereis de mover affectos por machinismo de figuras argutas, banidos totalmente dos seus discursos. Dirieis que elle, de boas avenças com o principe da oratoria, suspeita que as posturas da rethorica são um como theatro de impudencia, *ludum impudentiae*. (*) «Farças de lettrados» lhes chama Petronio. (**).

(*) *Cic. De orat.* Liv. III, §§ 93 e 94.

(**) *Satyric.* C. 3 e 4.

A espontaneidade ressurte-lhe no que mais meditado se nos figura. As imagens são sobrias, porque, de instincto e acintemente, sabe que o escuta mais o coração que o espirito apontado a intender em empólas academicas. E' orador feito pela medida d'este tempo e d'esta geração. Se um dia a desventura o levasse a perorar, nas praças, ás culluvioens de gente combustivel que se abraza e detona acendida pela faisca da palavra sediciosa, competidor nenhum lhe tomaria a mão n'essa empresa. Nunca, todavia taes philtros da mortifera gloria, que o povo influe nos animos desprecatados, lhe estonteou o juiso. Os seus fastos oratorios escrevem-se com as lagrimas dos desgraçados que elle disputou ao verdugo ou ao degredo. Nem sequer podemos apadroar-lhe a eloquencia no ingrato officio de accusador. Achamol-o sempre á beira dos réos pobres, pondo hombros ao derruir da opinião publica sobre homens já sovados aos pés da miseria.

Estes exemplos não os iremos investigar anno por anno em sua vida; por que o infortunio tanto encontra o advogado no escriptorio de 1856 como o visconde no palacio de 1869.

O réo que elle defendeu em 10 de julho d'aquelle ultimo anno era Antonio Maria Lage, que matara um guarda da alfandega no conflicto de se defender da mor-

te. Contra o réo, afora o odioso do homicídio á faca, havia a negativa do crime no summario, a confissão no tribunal, e a impassibilidade quando se lia o processo na audiência. O depoimento das testemunhas de accusação não podia esclarecer se o homicídio havia sido urgente á conservação da vida do réo. As testemunhas de defeza illibavam-no de má nota anterior áquelle crime — circumstantia attenuantissima quando se demonstrar que o primeiro assassinio é menos condemnavel que o segundo, e que a perversidade não é consumada, se lhe escasseam precedentes de natureza quasi analoga.

A criminalidade do réo, confiado á defeza do visconde de Ouguella, a juizo das pessoas que professam rancor a assassinos, era justificada; mas a poderosa magia da eloquencia do patrono, exercida n'aquelle dia, faria lembrar a justa acrimonia do censor Crasso que banira os rethoricos dos rostros romanos, se a insinuante palavra de um homem respeitado como o visconde de Ouguella não amaciasse as asperezas á justiça e amolecesse a severidade do jury. A consciencia, talvez subjugada, poderia reagir contra a fascinação do orador, se elle não a desaggravasse de escrupulos, exclamando: «Peço, por fim, que me respeitem o direito de conservar no coração como em deposito sagrado, a convicção e a crença da innocencia do accusado». Este trecho, que funda toda

a sua valia na singeleza, e nos leva a perceber os recursos grandes da eloquencia antiga assente em simplicidade que hoje quasi nos enfastia, sortiu grande impressão, porque era, no animo do jury, não já um expediente de advogado, senão o irrecusavel testemunho d'um homem de bem. Devia de ser digno de perdão o homicida que viera alli, á barra da justiça, attido á caridade de quem o proclamava innocente no fóro intimo de sua razão.

E foi absolvido. A imprensa, narrando o crime e a absolvição, acatou respeitosamente a poderosa mão que tirára o réo do carcere para o seio da sociedade e da familia; mas, para que o triumpho coubesse inteiro ao defensor, não jurou na innocencia do réo.

Como quer que fosse, aquelle homem tinha mulher e filhos. D'estes, um que nascêra depois que seu pai era livre, foi baptisado pelo visconde de Ouguella.

Passado pouco tempo, Antonio Maria Lage morreu. A familia, que deixou desvalida e miserrima, acolheu-se á misericordia do validissimo patrono, o qual, se disputara á justiça humana o amparo de mulher e filhos, cedia-lhe ainda na grande alma acudir com o pão onde faltava o braço quebrado por mais alto poder d'outra indeclinavel justiça. O visconde de Ouguella dá hoje aquella familia orfanada parte do amparo que a sustenta. Ora,

chegada a estas balisas, a caridade humana encerra toda a uncção divina que lhe deu Jesus.

Em 1871 o visconde de Ouguella, commovido pelas angustias d'um condemnado á morte, exulta nos renovados jubilos de sua mocidade, fazendo annular no supremo conselho de justiça militar o julgamento d'um réo, que havia sido condemnado sem defeza. Nos *Jornaes do Commercio* de 6 de dezembro de 1871 e 27 de janeiro de 1872 está habilmente relatada esta primorosa acção do illustre valedor de desamparados. Ao lado do réo, que ninguem defendera em primeira estancia, está o visconde de Ouguella para que a pena de morte se não confirme pela denegação da revista. Assim nos conta o referido diario:

«NOBRE ACÇÃO.—Fallando ha poucos dias do julgamento, em conselho de guerra, do soldado de infantaria n.º 10, Manoel de Souza, lastimamos que um homem sobre quem recaía uma accusação gravissima, o crime de homicidio, houvesse sido julgado e condemnado n'aquelle tribunal, sem defeza, porquanto nos crimes puramente civis, raro ou impossivel é encontrar um official habilitado a defender convenientemente um réo, e tanto mais que antes do plenario elle nenhum conhecimento tem do processo que vae entrar em julgamento.

Os réos militares que tem meios sempre em taes casos nomeiam defensor letrado, ou procuram pessoa que, pelo seu longo tirocinio e intelligencia, tem vantajosamente tomado a defeza de muitos réos, julgados em conselho.

O desgraçado Manoel de Souza, que o é duplamente, por não possuir mais que os abonos que lhe faz o estado como preso militar, e por haver commettido um crime de tamanha culpabilidade, tem de sujeitar-se á sua sorte deixando talvez de se apurarem cabalmente todas as circumstancias attenuantes da sua culpa, n'uma bem conduzida inquirição de testemunhas e na demonstração de factos que, pelo menos, tirariam ao crime praticado sua maior fealdade e repugnancia. As perguntas e reperguntas das testemunhas, que constituem o *cross examination*, a que os tribunaes e os letrados inglezes prestam o maior cuidado, porque é ahi que estabelecem toda a força da sua sagacidade e pericia, com muito mais tenacidade qua na allegação oral, limitou-se no conselho de guerra á direcção, embora muito imparcial, do sr. auditor.

Emfim, o que está passado já não póde remediar-se, por não ser provavel que o processo contenha nullidades, que levem o tribunal superior a annular o processo.

Lastimamos aqui que as leis estivessem combinadas de fórma, que n'um paiz civilisado, em pleno seculo *das luzes*, se entregasse um homem indefeso ao julgamento de qualquer tribunal, muito especialmente sendo accusado de crimes que, despidos de circumstancias attenuantes, estão sujeitos á maior sancção penal.

Agora, porém, podemos annunciar, para honra da moralidade e da civilisação d'esta terra, que o desgraçado Manoel de Sousa, ante o supremo conselho de justiça militar, ha de ter por defensor um jurisconsulto, cujo verbo foi sempre escutado nos tribunaes com a attenção e applauso, a que fazia jus uma exposição incisiva e eloquente. Afastado por circumstancias venturosas, das lides judicarias, nem por isso a sua palavra se revela

menos energica e esclarecida, quando a longos espaços, ou em conferencias litterarias, ou no tribunal defendendo por caridade algum desvalido, tem tido ensejo de pôr em acção os seus dotes intellectuaes.

O cavalheiro, de quem fallamos é o snr. visconde de Ouguella.» (6 de dezembro).

O artigo, impresso em o numero de 27 de janeiro revela o resultado da defeza, e o sentimento de admiração com que foi escutado o orador:

«ANNULAÇÃO. — Realisou-se hoje no supremo conselho de justiça militar o julgamento do processo em que é réo Manoel de Sousa, soldado do regimento d'infanteria n.º 10, accusado, como os leitores sabem, do crime de homicidio, na pessoa de Antonio Ferreira Carneiro, que estava passado á reserva, tendo tido praça no dito regimento.

.....
O defensor do réo, como os nossos leitores sabem, foi o snr. visconde de Ouguella, a quem temos de agradecer a honrosa referencia que fez á nossa folha.

O snr. visconde de Ouguella, com a amisade de quem se honram alguns dos redactores d'esta folha, tomou a defeza d'aquelle desgraçado por actos de magnanimidade do seu coração, pois sendo-lhe exposto o modo porque corra o julgamento no conselho de guerra, aonde o réo fôra entregue indefeso ao tribunal, não sendo até inqueridas as testemunhas para provarem o bom comportamento anterior, logo, sem hesitar um instante, se promptificou a ir ao supremo conselho de justiça militar diligenciar a diminuição da pena, que, pelas circumstancias constantes dos autos, favoraveis ao réo, se

affigurava ter sido imposta por falta de averiguação minuciosa dos factos.

A oração pronunciada hoje pelo patrono do réo, ante o supremo conselho, não teve só o merito da fórma, mas primou pela clareza e vigor da argumentação. D'aquelle nobilissimo lugar da defeza se erguia a voz do desinteresse e da abnegação, realçada pelo saber e pelo talento.

Os membros d'aquelle respeitavel tribunal, e o auditorio, que hoje por excepção havia, ouviram com a maior attenção e signaes de agrado o discurso do nobre defensor, cuja palavra fluente e persuasiva insinuava-se no animo dos ouvintes, captivando-os.»

Eis aqui compendiados os actos mais em fama na validissima carreira da advocacia de homem tão liberal de seus dons. Permittisse a Providencia dos infelizes cahidos sob o affrontoso pezo de sua miseria ou estranhos ao dever pela fatalidade de sua organização, que Ramiro Coutinho nunca houvesse almejado ovaçoens de maiores contentamentos que essas que faziam exclamar a *Apro*: «Qual consideração ha ahi ou louvor de arte que deva confrontar-se com a gloria dos oradores?» *Quæ fama et laus cujusvis artis cum oratorum gloria comparanda est?..* (*)

(*) *Dialogo dos oradores*, attribuido a Cornelio Tacito, § vii.

VI

A melhor quadra das suas alegrias — as ancias da gloria na idade em que mais a alma se paga com ellas, os prazeres febris do talento vão passados.

Carlos Ramiro Coutinho desviou os olhos das scintillações da sua boa estrella e deu-se a contemplar os lumes fatuos, as foscôrecencias paludosas da politica. Verdadeiramente a politica não é coisa que me tresande a lagôa, dado que o coaxar das rans, que já foram gente, como diz o Homero luzitano,

As rãs, no tempo antigo lycia gente,

me dê a perceber o que quer que seja de vasa lodosa com habitantes que, ainda bem, raro deixam ver no ex-

terior a falta de limpeza que lhe vai no attascadeiro. D'isto a dizer que os sujeitos, enfronhados em regedores da coisa publica, resvalam dos braços da probidade aos da politica, vai tanta distancia como de Seneca a Tigelino.

Creio na inteireza dos politicos, se elles vivem cortados de revezes e morrem em pobreza obscura.

Fio tambem bastante de uns que, espertados do seu candido ideal pelo repellão do desengano, tanto lhes monta que seja exposta ao povo a cabeça de Cicero como a de Antonio; nem se adjuram aos que tomam voz por Tiberio Gracco em odio aos patricios, nem se deixariam embair dos apologos de Menenio Agrippa. Creio n'estes scepticos fóra do parlamento. Todavia, se um impeto de amor patrio ou violencia amoravel dos constituintes lá os impellem, estes philosophos politicos primeiro fazem praça de eclecticos, e d'ahi a pouco não são nada ou são de todos. Rasoavel procedimento em um paiz onde não ha muito onde escolher.

A vistosa fada da eloquencia civica namorou-se de Carlos Ramiro Coutinho. Acariciou-o, deu-lhe os philtros que elle vira remocarem o coração e a fronte de José Estevão, segredou-lhe as suaves lisonjas a que nenhuns trinta annos se esquivam. E o moço cedeu-lhe com amor e paixão. Vestiu as suas galas, e foi vêr de perto a noiva, em 1859, n'aquella sala de S. Bento, onde muitos

annos andaram frades a psalmear, de antemão, responsos pelas almas de tantos que ali tem deixado o melhor d'ellas: o pudor. Rezemos nós tambem.

Deputado ministerial, defendeu os actos do governo, que então eram os snrs. Fontes Pereira de Mello, Cazal Ribeiro, Antonio de Serpa, e Ferrão.

Não tenho apontamentos nem os solicitei da parte que ao deputado por Cintra coube nos debates mediocrementemente assignalaveis d'aquelle tempo. Entretanto acho o seu nome indefectivelmente illustre na lucta em que se mediu, quasi desacompanhado, com o snr. Pinto Coelho, vigoroso adversario. Contendiam os dois jurisconsultos sobre a desamortisação dos bens das freiras.

Ramiro Coutinho defendia que a propriedade chamada da igreja é propriedade do estado, em consequencia do quê dizia a *Nação*, no dia seguinte: que «na europa civilisada já não havia senão Pharaós»; mas, em verdade, este cognome dos principes do Egypto não apontava ao deputado que facultou á nação o direito de rebaver o que os reis haviam dado ás comunidades monasticas, esbulhando a comunidade nacional. Ao revez, o adversario do snr. Pinto Coelho foi havido no conceito austero dos legitimistas por *deputado cortez e delicado que discutia com argumentos*—predicados raros, e creio que só por esta vez enviados d'um arraial para outro.

O certo é que Ramiro Coutinho prestou leal coadjunção ao ministerio, que incubava no peito, ao que se presume, a bella idéa de regenerar—coisa que se não fez, nem pôde fazer-se depressa.

O deputado por Cintra decerto assim o pensava quando forcejou por obstar, no seu palacio, com inergia de fé e coragem, em presença do governo, á queda do ministerio. O doutor Thomaz de Carvalho, tambem orador de recursos extraordinarios para sustener ou derruir governos, invidou a força da sua rijida argumentação em que o ministerio se mantivesse, dissolvendo as camaras, afim de que a dignidade lhe não sahisse mareada na derrota.

Não vingaram apêllos ao brio nem ás conveniencias. A camara foi dissolvida por inhabilidade que trouxe uma queda vilipendiosa. Desde este successo em diante, as crenças de Carlos Coutinho nas reformaçoens da patria derrancada não foram mais cordeaes que as de José Estevão Coelho de Magalhães. Os idolos tinham baqueado por seu natural pendor. Dir-se-hia que os apostolos duvidaram do seu officio de regenerar, e pegaram de olhar uns para os outros com o tregeito doloroso de Simão Mago, aos seus comparsas, quando, subindo ao ar por meio da nigromancia, veio de bôrco a terra, e quebrou as pernas. Infaustos Simoens magicos!

Em 26 de julho de 1859, foi Carlos Ramiro Coutinho nomeado membro da comissão occupada da reforma da legislação commercial e respectivo processo. N'este encargo prestou serviços por largo espaço de tempo, dando de si o que se esperava da porfiada applicação em materia tanto de sua competencia, proficuamente exercitada nos artigos que publicou em louvor do código civil do snr. visconde de Seabra contra as invectivas do snr. Moraes de Carvalho.

Em março de 1860 foi nomeado ajudante e substituto do conselheiro procurador geral da fazenda. O operoso disvello com que se houve n'esta comissão onerosa não se restringiu a desempenhar-se a si proprio. O procurador geral da fazenda deveu então ao seu ajudante a illibação dos proprios creditos arriscados no gume do perigo. Esta benemerencia não deve ser desconhecida ao snr. conde de Casal Ribeiro que era então ministro.

VII

 AQUELLE anno de 1860, cazou Ramiro Coutinho com a snr.^a baroneza de Barcellinhos. Não sei qual seja n'esta illustre senhora a qualidade sobre-excellente que se advantage. Dotes do coração no mais extremado gráo; suprema bondade; vida resguardada nas alegrias domesticas; disvellada caridade que deriva da riqueza da alma e se affirma na abastança dos haveres; constancia varonil de animo nos recontros com as tribulaçoens formidaveis que lhe tem provado a coragem.

Desde que tão faustamente Carlos Ramiro Coutinho se aliou a uma senhora por tanta maneira estimavel, o meneio e governo dos bens divertiram-no de outros cuidados, senão incompativeis, desnecessarios ao lustre do seu estado, e impeditivos da fiscalisação de casa com tamanhos encargos e haveres.

Não obstante, continuou a exercer o cargo de ajudante e substituto do procurador geral da fazenda, de que pediu a demissão quatro annos depois, obtida com a conservação das honras.

Na intercadencia dos tres annos seguintes, não sei de manifestação politica de Carlos Coutinho, salvo uma de maxima importancia, que se nos depara no prefacio e notas de um precioso discurso parlamentar do snr. José Maria do Cazal Ribeiro.

Ligados por affinidade de engenho e aspirações, os dois talentosos moços haviam estreitado mais o abraço da estimação intima, interpondo n'esse affecto um filho de Carlos, baptisado por Cazal Ribeiro. Se no correr dos annos, aquella formosa creança, cujo retrato está entre o de meus filhos, não lograr prender amorosamente os dois espiritos tão solemnemente aparentados, será necessario intender que o demonio infesto da politica apagou, entre elles, a luz do anjo. Assim vai sendo, ao que parece.

O snr. Cazal Ribeiro proferiu a sua oração memoravel em 3 de fevereiro de 1863. Ramiro Coutinho deu á estampa o discurso, recommendado por um prologo e notas dignas de mui detida ponderação. O nervoso auctor do SOLDADO E O POVO tinha dito no parlamento:

«Mal vae aos governos que não sabem cuidadosamente espreitar os movimentos da opinião, mesmo quando ella se transvia. Não, senhores, a opinião publica não é um poder fantastico, que só toma corpo na urna eleitoral. Bem pouco illustrada seria a opinião publica que dormisse quatro annos para só acordar n'esse dia! A opinião publica não é isto. Não está só nos representantes legaes do paiz, está na nação inteira: é a força vital do systema representativo.»

Ao proposito d'estes conceitos, que andam como morgadio nas elegias em prosa, mais ou menos espalpada, de todas as opposições, correu Ramiro Coutinho com austera cordura, e respeito ás formulas constitucionaes. Em vanguarda de um discurso tão rasgadamente progressista era de esperar que os applausos do amigo e do politico irrompessem em objurgatorias ao governo que deportára para Africa os soldados de caçadores n.º 3 implicados na revolta de Braga, em 15 de setembro de 1862. Com rara prudencia, porém, o amigo do sr. Casal Ribeiro censura os abusos dos governos como cúmplices dos abusos dos mal governados, n'estas momentosas expressões:

..... «Os abusos do poder desconceituam os governos, enfraquecem o respeito que devem merecer os seus actos, criam precedentes ominosos, e arriscam criminosamente o socego da nação. As proprias maiorias parlamentares, as mais compactas, as mais submissas, as mais disciplinadas affrouxam, intimidam-se, e acabam por se desprender, muitas vezes, dos seus pactos mys-

teriosos com os governos—se estes de abuso em abuso, de excesso em excesso, de illegalidade em illegalidade, escarnecendo d'essa opinião publica—que é a consciencia das nações—põe n'um perigo imminente e irreparavel as instituições politicas do seu paiz.

Para nós, tão nefastos são os abusos de Poglinac em 1830, como a obstinação e pertinacia de Guizot em 1848. Os excessos, os abusos, os erros politicos, quer sejam praticados em nome do rei, quer em nome da liberdade, são sempre excessos, são sempre abusos, e são sempre erros. Em nome da liberdade pôdem quaesquer actos ser tão criminosos, como em nome da tyrannia.»

Outra rara circumspecção mui relevante, pelo que pertence a Ramiro Coutinho no opusculo que tenho presente, é a delicadeza com que procede em respeito aos seus adversarios politicos.

Era então na camara o snr. José Luciano de Castro a eloquencia de mais desplante em galhardias de linguagem hervada, em esgrima de satyra, em destreza de argumentação, e estampido de phrases bem boleadas á portugueza de lei. Se assim o posso dizer, José Luciano de Castro, nos seus estudos previos dos discursos parlamentares, incadeava as locuções prefurantes como quem carrega um revolver de doze tiros. Depois, ao disparar, dava uma luz, mas luz que queimava amigos e inimigos. *Urendo clarescit*, como disse Tacito. Pois, reportando-se a este valoroso mas ás vezes attrabiliario contendor, que as gazetas da opposição

injuriavam. Carlos Coutinho escreve a nota de pag. 12, que deixa tão nobre o censor como o arguido:

«O deputado a quem o orador se referiu é o sr. Luciano de Castro. Podemos asseverar, sem receio de sermos desmentidos, que foi este o unico deputado da maioria, que se elevou, por vezes, á altura do debate, e que na phrase calorosa, e irritante d'uma philipica, cujos moldes Demosthenes ou Cicero rejeitariam, soube fazer-se escutar nas retalliações constantes do seu discurso. Todavia a sua intelligencia, e os seus dotes oratorios hão de apagar e extinguir, com um mais largo exercicio da palavra, estas violencias de estylo.»

Outro: o snr. Costa e Silva, de quem as galerias authorisadas pela camara, riam destampadamente quando o snr. Cazal Ribeiro o felicitava por se dar bem no predio ministerial em ruinas. A observação do annotador parece querer despir os luctos do espirito do veneravel velho:

... «O snr. Costa e Silva, a quem pela ordem da inscripção coube a palavra antes do snr. Cazal Ribeiro... Este antigo magistrado, mais conhecido como juiz integerrimo do que como orador parlamentar, mais valioso na apreciação de pleitos forenses do que admirado pelos ragos da sua eloquencia, sobraçou a beca do magistrado, como disse o snr. Cazal Ribeiro, e arregaçando-a até á altura da opa do tribuno, accusou a opposição com parcialidade.»

Isto não é tão consolador como seria chamar-lhe Isocrates; mas é dar testemunho da probidade de um magistrado — honra que sobreleva muito a arte e inge-nho de fallar concertadamente.

Ainda outro. O snr. Claudio José Nunes já era notavel orador, antes de manifestar-se, de improviso, poeta de impetuosas fantasias e inexcedivel brilho. Este deputado chamou á carta constitucional—«pequena brochura». Semelhante qualificação magoou o pudor das vestaes do sacro lume da constituição do estado, como se não bastasse já ter-lhe chamado—«ponto de partida».

Outro qualquer commentador da oração do snr. Ca-zal Ribeiro denunciaria ao paiz o snr. Claudio José Nunes como demagogo, visto que chamara á carta *pequena brochura*, quando o respeito a tal coisa estava reclamando que lhe chamasse *folio maximo*, a não querer sahir com os seus epithetos fóra da sciencia do formato.

Eis aqui a moderada glossa que lhe faz Ramiro Continho:

«O snr. Claudio José Nunes, relator da commissão, nos verbosos e longos periodos do seu exordio chamou *pequena brochura* á carta constitucional. Apreciando, como devemos, o talento do joven deputado, no interesse que tomamos pelo seu futuro litterario, lamentamos que a inspiração o elevasse a regiões, d'onde não poudeserger com acerto as disposições do Codigo Politico do

seu paiz, a sua grandiosa significação, e os homens que dirigem a situação n'esta terra.»

Estas notas, com que eu vou marginando o meu exemplar do famigerado discurso do snr. Cazal Ribeiro, seriam futeis, se os amigos e admiradores do visconde de Ouguella m'as não descontassem na satisfação que deve dar-lhes a evidencia de que ahi, por esses calvarios das praças, dos cafés, e talvez dos tribunaes, lhe crucificaram a dignidade de portuguez, aviltando-o com a aleivosia de iberico. N'este opusculo está um protesto que devia soar no animo dos inflexos juizes da Relação de Lisboa que, nove annos depois, o illibaram do stigma de faccionario da fusão iberica.

O snr. Cazal Ribeiro exclamára:

«E' preciso que se diga na tribuna portugueza, sem rodeios nem hesitações, qual é o verdadeiro sentimento nacional. E' preciso que se diga que em relação á Hespanha nós não podemos nem queremos ser *conquistadores* e tambem não queremos nem podemos ser *conquistados*!»

E o snr. Ramiro Coutinho applaudira o patriotismo do seu amigo, abraçando a oportunidade de responder aos inimigos de 1872. que se lhe antolharam lançando a sonda ao abysmo da calumnia:

«Os applausos unanimes, que de todos os lados da camara provocaram estes e os seguintes periodos, pres-

tam valiosissimo testemunho de que o orador, inspirando-se em tão elevados como patrióticos sentimentos, soube fielmente interpretar a opinião nacional. Quantos escriptores estrangeiros fallam das nossas cousas, revelam os nossos pensamentos, traduzem as nossas necessidades, determinam os nossos movimentos, e apreciam os nossos destinos, sem se dar ao incommodo de lançar os olhos sobre uma pagina da antiga historia portugueza, nem consultar um facto da vida actual d'este paiz! E' exactamente como se escrevessem ácerca da republica de Platão, ou da Icaria de Mr. Cabet. Sonhar é mais facil que estudar. Foi assim que a princeza de Solms, hoje mad. Ratazi, nos poeticos arrebatamentos da sua phantasia, nos brindou com o papel de Piemonte da peninsula hispanica, pelo simples e naturalissimo facto de haver El-Rei o Senhor D. Luiz tomado por esposa a filha de Victor Manoel. Foi assim que mr. de la Varenne nos descreveu anciosos de completar a unidade iberica, formando uma das subdivisões do seu symetrico quadro politico-geographico das raças europeas. E foi assim tambem que alguns jornaes hespanhoes, tomando a sério conselhos, que só moviam ao riso o bom senso portuguez, bradavam *alerta* em Madrid, por occasião do casamento de El-Rei, e aconselhavam o governo da Rainha de Hespanha a guarnecer de tropas a fronteira, como se os soldados portuguezes se aprestassem a inverter as scenas de 1580, e vingar a invasão dos terços do duque d'Alba. Soceguem os enthusiasmos e as apprehensões *fusionistas*. Aqui ninguem quer *fusão*, nem com a dynastia de Bragança, nem com a dynastia de Bourbon. Queremos ser o que sômos — independentes e livres. União nacional com a Hespanha não nos convém. Alliança e amizade — sim — e quanto mais intima tanto melhor.»

Ahi está o republicano federalista, o apóstata da independencia que assim andou denegrido no conceito das turbas, sujo da espuma social, onde os parvos se to-
pam e nivellam barba por barba com os infames.

VIII

ARLOS Ramiro Coutinho foi agraciado com o título de barão de Barcellinhos em 8 de fevereiro de 1864.

Esta mercê derivou espontaneamente do snr. duque de Loulé, a quem o agraciado considerou sempre com as deferencias irrecusaveis a tão pundonoroso quanto intelligente fidalgo. Este respeito, que podia ser meramente pessoal, procedia tambem das rasoens politicas, sem que devamos por isso incorporar o barão de Barcellinhos na parcialidade militante do snr. duque. Rasoens politicas vinham a ser, na veneração affectiva do barão de Barcellinhos, os naturaes impulsos que nos levam a descriminar dos estadistas já gastos, e no ultimo fio da reputação de Cagliostro, um caracter sem mácula, dilatada vida publica sem dezar que lhe desluz a reputação,

mediania de posses com immensos thesouros de joias da honra. Ha muitos annos que os publicistas, os oradores, os poetas, e talvez eu na bagagem d'esses válidos frécheiros, andamos acerando epigrammas para doestar o duque de Loulé. Até hoje apenas lhe descobrimos um órgão vulneravel: o da pachorra. Temos querido que a indolencia congenial deste fidalgo lhe seja havida como imperfeição no complexo das virtudes civicas. Arguimol-o de silencias astutos e somnos profundos que se não compadecem com a vigilancia palavrosa de um bom ministro. E' o unico depoimento que vai accusar o snr. duque no tribunal dos vindouros. Mas contra nós tem de erguer-se um severissimo juiz que nos hade perguntar pela honra dos grandes discreteadores afadigados em estereis insomnias, e mui usurariamente pagos das noites que perderam a meditarem no mais seguro meio de nos governarem com papeis e palavras.

O barão de Barcellinhos era admittido á convivencia do polidissimo duque de Loulé cuja cortezania, natural e antiquissima de sua casa, e não reflexa da aula real, nem se requinta com os maiores nem se descompõe com os minimos. Cré-se que ha o que quer que seja do prestigio de stirpe em homens d'aqu'elle porte. Quando fazem semblante de apoucar-se para se egualarem com os somenos, é então que o indelevel preconceito da clarissima linhagem se

nos avulta distincção natural e impressa na gravidade do aspeito.

Honorificado com a estima de tão selecto homem de estado e prudentissimo politico, o visconde de Ouguella, desde que foi privado da liberdade, já duas vezes escreveu ao snr. duque de Loulé, mostrando-lhe por ventura que o seu delicto é de natureza tal que o não acovarda de chegar com tranquilla consciencia á presença do homem de bem.

IX

QUANDO o sr. Martens Ferrão engenhou a capricho uma divisão territorial que foi em grande parte recebida tumultuariamente, os arraianos de Campo-maior, Arronches e Onguella, ciosos da autonomia do seu concelho, amotinaram-se na orbita da legalidade, reunindo-se no dia 9 de janeiro de 1868 em Campo-maior, d'onde enviaram ao barão de Barcellinhos, abastado proprietario n'aquelle concelho, o seguinte telegrama:

Por um numeroso meeting que hoje teve logar n'esta villa foi nomeada uma commissão para ir perante o governo advogar os interesses de Campo-maior. V. ex.^a foi nomeado presidente da commissão. Aceita? Digne-se responder por esta via com urgência. Christovão Barata—D. Gonçalo Carvajal—Manoel Jeronymo Mocinha.

O barão para quem esta honra envolvia o prazer de pacificar povos de seu natural irrequietos e propensos a

reacções, sobrepondo a tudo a estima que o prende aos habitantes d'aquellas terras eivadas de quasi selvagem patriotismo, respondeu:

Aceito a honra que me fazem, e peço-lhes que declarem aos habitantes de Campo-maior que aceito penetrado de profundo reconhecimento, e que estou a seu lado para defender todos os seus foros e liberdades.

Seguros do bom exito pela adhesão de protector tão esclarecido da justiça dos representantes, e poderosamente inergico e respeitado, os membros da commissão foram a Lisboa, e lograram a manutenção de seus foros. Em reconhecimento da solícita e prestante cooperação do seu presidente, a camara municipal de Campo-maior galardoou o barão de Barcellinhos com este officio, que o disvelado amigo d'aquelle povo archiva entre os titulos de sua nobreza:

III.^{mo} ex.^{mo} snr. A camara municipal de Campo-maior tem a honra de participar a v. ex.^a que em sessão extraordinaria de 19 do corrente, confirmou por unanimidade o voto do povo no grande comício nocturno de 17 de janeiro do corrente anno para que o Terreiro da Misericordia receba o nome de LARGO DO BARÃO DE BARCELLINHOS, em razão dos serviços feitos por v. ex.^a á autonomia do concelho. Certa a camara de que v. ex.^a aceita esta tão valiosa prova de consideração e confiança do brioso povo Campomaiorense, desde já agradece a dedicação de v. ex.^a da qual todos esperam muito. Deus guarde a v. ex.^a Paços do municipio de Campo-maior, 22 de janeiro de 1868.—O presidente da ca-

mara Christovão Cardoso Albuquerque Barata.—O veriador fiscal José Maria de Mattos.—O veriador Manoel Dias Mendes.—O veriador Francisco Luiz Serra.

O barão de Barcellinhos, aceitando esta irrecusavel recompensa do affecto de povo tão seu valido e estimado, enviou os leitreiros em ferro doirado para as ruas que então foram chamadas do *Conde de Avila*, do *Visconde de Senbra* e do *General Magalhães*.

Estas denominaçoens, simultaneas com a de *Barão de Barcellinhos*, nos estão inculcando que entre os quatro cavalheiros, queridos aos moradores de Campo-maior, havia identificação politica, se não intimas relações de estima. Mais se presume e reforça este juizo quando, ao lado do conde de Avila, se nos revela a esmerada sollicitude com que o barão de Barcellinhos protege e prepara com seguro vencimento a candidatura do general Magalhães por Elvas, declinando de si, em favor do ministro, a procuração que os arraianos lhe offereciam e quasi lhe impunham.

Uma carta do ministro da guerra se offerece como prova da serviçal adherencia do barão á politica eminentemente séria e methodica do snr. conde de Avila:

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. meu particular amigo. Cada vez mais ligado por tantos e tão relevantes serviços que V. Ex.^a tem feito e continua a fazer a favor da minha

eleição. Devolvo as cartas que V. Ex.^a tem tido a bondade de me enviar, e por ellas vejo o estado em que se acha a minha eleição por Elvas, graças aos esforços e sacrificios que V. Ex.^a tem empregado n'este sentido..... Creia-me sempre e para sempre o mais dedicado e amigo mais respeitoso José Maria de Magalhaens. 7 de março de 1868.

Ao tempo em que o visconde de Ouguella, por esses dias assim agraciado—*em testemunho do apreço pelos bons serviços que em diferentes epochas tem prestado com reconhecido proveito da causa publica*—(*) prestava a sua influencia, com sacrificio de si proprio e da vontade dos eleitores ao general Magalhaens,* fermentava mais ou menos a occultas um partido affoitamente devotado a reformas, ou não sei se diga a transformações radicaes na governação publica.

Citavam-se com medo ou sympathia, com veneração ou com menospreço os nomes heroicos ou audaciosos dos caudilhos da revolução. O marechal duque de Saldanha dava temerosa magestade á perspectiva dos ministros mais capazes de quererem suppor em si e nos seus nervos fibras intrepidas do marquez de Pombal: o snr. Mendes Leal, por exemplo, este viso-rei do Parnaso,

(*) Decreto de 31 de março de 1868, referendado pelo snr. conde d'Avila, de quem tenho presente uma carta de aviso ao visconde, felicitando-o com expressões muito cordeaes, e protestos de amizade agradecida.

que tem tanto pulso para a cythara de Macias, como para o frankisk de gardingo. Bom homem e copioso dizedor de coisas vernaculissimas, por cima de tudo o mais.

O visconde de Ouguella era muito d'aquelle aberto coração do duque. Nascêra este reciproco affecto com a uncção das lagrimas. O visconde, em 1851, estudante na Universidade, visitára o marechal em Coimbra, quando a palavra *Regeneração* se lia no lábaro triumphante do velho general, sobre quem D. Pedro IV declinou a redempção do throno para a augusta filha e da liberdade para nós.

O duque, avistando Carlos entre os academicos da deputação, fixou-o com os olhos amarados de pranto, soluçando que alli estava o fiel retrato do seu querido filho conde de Almoester, morto na flôr da vida e na exuberancia do talento em Vienna de Austria.

Fortaleceu-se, no volver dos annos, a dilecção do duque bem correspondida do visconde a quem deslumbra-vam as tradicções heroicas da epopea de sessenta annos sempre lidados com egregio decoro na guerra, na sciencia e na diplomacia.

E, sem embargo da admiração que subjuga o visconde ao prestigio do marechal, a revolução de 19 de maio de 1870 delinear-se e logrou o quasi paradoxo dos seus

intentos sem que o visconde de Ouguella convisinhasse politicamente dos promotores da revolta.

Os documentos irrefragaveis d'esta ousada affirmativa podéra eu dal-os aqui á contemplação dos incredulos, se a generosidade do visconde, irmanada com um proposito de timbroso desprezo, me não dispensasse de fazer estendal das alforrecas que o esgôto da politica lhe revessou ás salas de sua casa.

Não me soffre, porém, o animo esconder da critica e até da mordacidade uma inconsideração do visconde, que se lhe é realce grande ao coração, certo lhe não adula indulgentemente o juizo discreto.

O visconde de Ouguella conhecia o snr. barão do Rio Zezere com bastante dedicação, por lhe vir do snr. duque de Saldanha este conhecimento, aliás estimavel, ainda sem o merito recommendativo do illustre marechal. Suspeito, com mais ou menos justiça, ao gabinete de 1869, o snr barão do Rio Zezere foi custodiado na Torre de S. Julião. Das cartas d'este cavalheiro enviadas ao visconde deprehende-se que no seu comportamento não houvera deslize de obediencia, e por tanto nenhum receio do conselho de investigação o inquieta; todavia regosija-se, e agradece encarecidamente a defeza que o visconde de Ouguella lhe promette.

E, ao mesmo tempo, o snr. duque de Saldanha,

muito e lealissimo amigo do snr. barão, escrevia ao visconde reforçando com os seus os agradecimentos do prezo. No auge da sua bondade suprema, o duque, escrevendo ao visconde de Ouguella, fantasiava hyperbolicamente que o seu amigo barão do Rio Zézere estava sendo *martyrisado pelo governo*; e o visconde, avezado a fazer abrir portas de cadeias com a magia da sua palavra, sorriu generosamente ao grandioso feito de repôr o martyr em liberdade para que o sol do céu e o da honra illibada lhe dêssem as alegrias da innocencia.

Eis aqui um lapso na vida de um homem não desdourado ainda por ligeirezas ou deshonestidades politicas. Difficultosamente justificaria a sua incumplidade no tumulto de 19 de maio quem tão intrepidamente queria sahir pela candura dos martyres que n'aquelle dia brilhavam, como em scena final de glória de Auto, depois dos supplicios supportados com sancta e valente conformidade!

Muito favor me faria V. Ex.^a se quizesse ter a bondade de fornecer-me os argumentos para fazer vêr com evidencia o despotismo, a infamia do procedimento ministerial a respeito do barão: escrevia o snr. duque de Saldanha ao visconde de Ouguella em 28 de dezembro de 1869.

Parece, pois, que o visconde, liberalizando os seus

talentos oratorios e hermeneutica juridica na defensão da pessoa detrahida e preza, alem de muito de sua estima, em vez de desairar-se, grangeava subido conceito como patrono e notavel honra como inimigo de vexames, quer elles proviessem de governo de sua parcialidade, quer de inimigos seus, como a paixão politica usa depraval-os.

Mas as praxes e manhas da politica são impossiveis com tanta bizzarria de sentimentos.

O visconde, trahido pelo coração, e esquecido do preceito evangelico que manda aliar a sagacidade da serpente á candura da pomba, expoz-se implicitamente, arriscou-se a ser contagiado do morbus revolucionario do snr. conde de Peniche, do snr. José Dias Ferreira, do snr. duque de Saldanha; e, se não digo do snr. Antonio Rodrigues Sampayo, é porque este eminente publicista soffreu apenas um ataque benigno que lhe não deixou lesão nas faculdades quasi perfeitas do seu espirito. No sr. barão de Rio Zezero, que o visconde queria defender, também a calumnia não pode fazer estragos, sendo que os actos posteriores da sua vida politica o desassombra de alguma nuvem que lhe vinha de longe escurecendo a gloria.

Como quer que fosse, o visconde de Onguella peccou venialmente, offerecendo os dons da sua obsequiosa intelligencia á justificação de uma pessoa que os rumores d'aquelle tempo deslustravam exageradamente.

X

 POR decreto do regente de Hespanha foi o visconde de Ouguella nomeado commendador ordinario da real ordem de Carlos 3.º, havendo já sido, em 1870, agraciado com o habito de cavalleiro da real ordem de Izabel, a Catholica.

Em 13 de novembro de 1871 obtive licença para aceitar o grande-cordão (gran-cruz) da ordem de Nicham Istibar, a mais preclara consideração que o Bey, monarcha electivo de Tunis, podia dar-lhe. Eu sou de parecer que esta insignia é mais que muito apreciavel por saber que o snr. marquez de Avila e Bolama se compraz jovialmente em possuil-a, sendo, se me não engano, tão rara n'este paiz, uberrimo d'isso, que só tenho nota d'estas duas mercês enviadas para Portugal. Se mais alguém a

possue, haja de indulgenciar a minha pouca noticia d'estas coisas. (*).

Ao descrever as distincçoens aristocraticas, concedidas aos serviços civicos, e aos meritos de intelligencia do visconde de Ouguella, suggerem-se-me, e muito a tempo, reflexoens dignas de alguma ponderação. Dizem os seus detrahidores menos infamatorios que o barão de Barcelinhos, fidalgo cavalleiro da caza real com serviço no paço, visconde de Ouguella, cavalleiro e commendador das reaes ordens de Izabel a Catholica e Carlos 3.º, gran-cruz da ordem de Nicham Ifthar, dizem, repito, que é republicano este homem. Pois eu não duvidando da sua bem provada affeição ao povo—quero dizer á arraia miuda que se chama povo a si, emquanto se não ergue ás cavalleiras dos seus pares—declaro que o vejo muito distanceado das idéas utopistas da igualdade republicana. Se elle andasse por ahi a deteriorar a tarifa dos direitos de mer-

(*) Como curiosidade offereço a versão franceza do diploma:
Louage a Dieu unique!

De la part du serviteur de Dieu Supreme, celui qui s'en remet a lui, et auquel il a confié dans toutes ses affaires, le Mouchir Mohammed Enodak Bacha Bey, Possesseur du Royaume de Tunis.

A l'élite des illustres, au distingué par son éloquence, Monsieur le Vicomte d'Ouguella, ensuite, sur la demande de Notre Premier Ministre, et Ministre des Affaires Etrangères et à cause de vos brillants mérites, nous vous envoyons cette décoration, qui est destinée a ceux qui possèdent le mérite, et la noblesse, ornée de notre nom, e de la classe supérieure de Notre Nichan Ifthar. Revetéz-la en paix et en tranquillité.

cê, a desfazer na stirpe dos titulares, a deplorar que as cruzes se crucificassem em peitos de maus ladroens, a ensinar ao povo o desprezo das honrarias chatinadas, era de temer que o talento, de mãos dadas com o desprezo das coisas, que trazem cunho real, cedo ou tarde irrompesse em attentados contra a monarchia e suas dependencias. Mas, se o visconde de Ouguella não só adquire ou aceita a fidalguia e veneras correspondentes, mas até já premedita continuar em seu filho a sobrevivencia d'essas distincçoens, como é que se concilia o extremo arrojo democratico, de que o argüem, com o extremo affecto á nobreza de que nos tem sido testemunhas os actos da sua notoria vida, e até as illustres relaçoens que lh'a tem condecorado?

O visconde de Ouguella tem um filho de dez annos, já moço fidalgo da casa real, por successão. Quem estaria a revestir-se a si e a seu filho de fardas e fitas, que reluzem tão sómente á ourela do throno, e ao mesmo tempo a minar o baque do throno, e a fazer praça á republica, onde depois as veneras e as fardas haviam de ser postas em pelourinho de irrisão, e tanto mais associadas quanto os caudilhos das turbas se prevalecessem d'essas tafularias obsoletas?

E, depois, vejamos se dos algarismos, com perdão dos poetas, podemos inferir que é impraticavel absurde-

za ser o visconde de Ouguella republicano, desde que o socialista Proudhon acoimou de ladravazes os proprietarios, e desde que os proletarios fiam da republica a mais ou menos demorada repartição da propriedade, como consequentes que são, e, pouco ha, provaram sê-lo pelo franco apostolado de Delescluse, de Milliere, de Vermeersch.

Venham algarismos.

Os viscondes de Ouguella possuem em Lisboa, Belem, e Olivaeas, Campo-maior, e Ilha da Madeira propriedades rusticas e urbanas, cujo valor venal é: 312:000\$000. Pagam de contribuição predial: 2:450\$000. Os seus haveres em acçoens, inscripçoens e valores de carteira não os averigui; mas recordo-me de ter ouvido calcular aproximadamente uma avultada somma. Como accionista importante do banco de Portugal, e algum tempo membro da commissão fiscal, orou elle nas assembleas geraes, favoravel ás direcçoens, com aquelle esmero e zêlo que usam os accionistas inimigos natos de republicas, e de tudo que se aparente com aquella ominosa palavra: *res-publica*, «propriedade de todos».

Titante as clauzulas descriptas que dissuadem suspeitas de republicanismo, e antes asseveram afeição grande ás regalias que promanam da munificencia dos monarchas, offerece-se-me pensar, com grande fundamento,

que o visconde de Ouguella respeitou a casa real portugueza, e não só do respeito de subdito, senão também de amovel dedicação. Por sua magestade a rainha sente elle o affecto intimo e respeitoso, em que é grande parte o resplendor da heroica fronte de Victor Manoel, e não menor incentivo sentar-se a augusta senhora no throno de D. Maria 2.^a, rainha tão amada de Ricardo Sylles Coutinho, aquelle nobre cidadão, que acendrava o seu amor aos legítimos soberanos, no carcere, onde hoje o filho se está depurando da calunnia de republicano. O snr. infante D. Augusto acolhia desceremoniosamente no paço das Necessidades o visconde; e S. M. o snr. D. Fernando, perante quem as excellencias mais qualificadas são as do espirito, dignava-se convidal-o a frequentar o paço, segundo infiro de uma carta, que vai trasladada, por que vislumbra n'ella sentimentos de principe illustrado, que fazem muito ao decoro do cavalheiro a quem são liberalisados:

«Ill.^{mo} Ex.^{mo} Snr.—Sua Magestade El-Rei o snr. D. Fernando encarrega-me de agradecer a V. Ex.^a o cavallo malhado que lhe mandou; bem como o snr. Infante D. Augusto quer que igualmente eu faça constar a V. Ex.^a que ficou muito penhorado com a delicada attenção de V. Ex.^a»

Sua Magestade El-Rei desejaria vêr a V. Ex.^a n'este Paço para de viva voz lhe dar os seus agradecimentos e para este effeito previno a V. Ex.^a que as horas das 12 á 1 é a mais conveniente para V. Ex.^a lhe fal-

lar. De V. Ex.^a muito attento venerador e criado—
Conde da Foz—Paço das Necessidades 13 de novembro
de 1867.»

Eu tive a satisfação de conhecer no quarto do visconde de Ouguella, no Limoeiro, o snr. visconde do Paço do Lumiar, amigo dilectissimo do snr. infante D. Augusto, e por egual affectivo apreciador do illustre prezo. E' aquelle cavalheiro testemunha da veneração extrema com que o visconde recebia a estima que lhe dava o snr. duque do Porto; e, se ao animo inteiro do visconde do Paço do Lumiar intrasse a desconfiança de menos dignos intuitos, tenho como certo que tão acrisolado amigo da familia real não iria levar ao «republicano» em ferros as expressoens espontaneas com que os homens de bem despontam os espinhos da desgraça immerecida.

E já que derivei a este relanço, onde cabe escrever um nome como quem abre a mais suave pagina d'este livrinho, heide fallar de um amigo do visconde de Ouguella, o snr. José Maria de Almeida Teixeira de Queiroz, de cuja amisade o visconde se ufana como homem ferido de injurias e refugiado nos braços de quem, estreitando-o ao seio, lhe dá o alento da probidade immaculada.

Teixeira de Queiroz, juiz do tribunal do commercio, ainda no vigor dos annos, com as tradicçoens gloriosas da Universidade, onde floreceu em suavidades de poe-

sia e fructeou nos graves estudos da jurisprudencia, tri-
lhou a senda escabrosa da magistratura, no inquebranta-
vel aprumo da dignidade, luctando e ganhando trium-
phos, que não se alcançam sem os haver medido pelo ta-
manho dos desgostos. Amargurados lhe deviam de ser
os jubilos da consciencia, na carreira da magistratura, se
elle não fosse a alma imperterrita que sopeza as conve-
niencias proprias para que o sorriso seductor ou a cata-
dura sinistra de validissimos potentados o não deslum-
brem nem apavorem.

Quando este homem continua o seu affecto áquelles
que a sociedade injuria, a probidade e a justiça estão da
parte dos injuriados. E quando o visconde de Ouguella
nas cartas com que me paga, além do que ella vale, a
amisade que lhe tenho, me diz que ama Teixeira de Quei-
roz com estremecido amor de filho, eu, de experiencia
propria, sei como é que assim pôde ser venerado e ama-
do tão honrador amigo.

«Illumina-se este carcere, quando elle apparece n'a-
quella porta!» me dizia o visconde de Ouguella, commo-
vido da vehemencia do seu contentamento, por ter visto
a seu lado Teixeira de Queiroz, testificando com austero
desassombro o testemunho da sua consideração pelo ho-
mem vilipendiado.

XI

No lapso do primeiro semestre de 1872, o visconde de Ouguella, com a concorrência de capitalistas nacionaes e estrangeiros, pensava activamente na fundação d'um Banco, que se havia de chamar *Banco real e nacional*. O secretario particular do snr. D. Luiz I, José Eduardo de Magalhães Coutinho, conferenciou com o visconde sobre este assumpto, d'onde havia de advir á casa real o beneficio da desoneração de dividas, que, se lhe não desdouram a magestade, como de certo não desdouram, bem pôde ser que lhe tolham maior desafôgo nas despesas e pompas adstrictas á cathegoria. Estes alvedrios não são usuaes em republicanos, nem seria curial abrir devassa em gabinetes de ministros ou nos soalheiros das praças sobre os secretos designios dos signatarios dos Estatutos, sendo estes o snr. barão de Lagos, José Eduardo de Magalhães Coutinho, *medico e secretario d'el-rei*,

marquez de Angeja, Manoel José Machado, João José Machado, visconde de Ouguella, Carlos Kruz, principe Adam Wiszmecoski, Septimus Francis Porter, Henry de Lacy Óbrien, conde Alfred de la Guéronnière, e Sebastião Carlos Navarro de Andrade. (*)

As meditações e os estudos previos d'este poderosissimo estabelecimento, em que a vontade do visconde se empenbara, desprendida de conloios politicos de todo alheios e até nocivos a empresa de tal ordem, foram atalhados por uma inopinada angustia que traspassou o coração do visconde. Uma filha da snr.^a viscondessa, foi subitamente ferida de doença irremediavel com muito demorada agonia. Aquella menina, ainda infantil, quando o visconde mereceu ser-lhe segundo e caricioso pai, cresceu, para assim dizer, no colo d'elle, que se deliciava em lhe aproveitar a prodigiosa aptidão para as prendas do seu raro espirito. Este immenso amor ia ser-lhe disputado pela morte. O visconde, ao lado da inferma que lhe lia nas lagrimas ou no falso sorriso a sentença ou a esperança, devorou as incomportaveis amarguras que, afinal, quando a sepultura se fecha, deixam a alma quebrada e já vasia das lagrimas do desafogo.

(*) Está lavrada a escriptura e registrada no Tribunal do Commercio. A escriptura publica foi lavrada na nota do tabellião João Baptista Ferreira, de Lisboa.

Ao setimo dia d'esta tormenta da saudade, na tarde de 29 de agosto de 1872, o alivio que o visconde recebeu foi a intimação de recolher-se á cadeia, e esperar ali que se lhe desse a nota da culpa.

O sobresalto não deu logar á reacção da alma afflicta.

O visconde solicitou concessões urgentes á tranquillisação de sua familia; mas o agente da captura não podia ser mais delicado que os descompassivos quadrlheiros d'onde havia baixado a ordem desabrida.

E, ao mesmo tempo que o carcereiro examinava a solidez das grades no toque do ferro para depois correr os ferrolhos, e deixar ao preso contar um por um os minutos d'aquella noite horrenda, a calumnia industriada dizia cá fóra que o visconde premeditara aluir o throno, dar Portugal a Castella, e incendiar Lisboa. Estes boatos, atirados ao sêvo do gentio, que se repasta com soffreguidão de fera nas reputações mais acataveis, desciam d'alto, ou desde a lama os levantára até si quem se valêra de vilissimos denunciantes para fazer baixar a lei á protervia de pronunciar um homem de tal porte. Não eram simplesmente rumores do povo as aleivosias que repercutiram no carcere, levadas ao visconde nas lagrimas de sua mãe, de sua esposa, de seus extremosissimos enteados, e no assombro consternado do filho. Estavam escriptas, e ponderadas no processo, segundo devemos in-

ferir da equidade com que a Relação de Lisboa as propulsou, mandando retrahir a calúnia e incorporal-a na consciencia do precipitado juiz que lavrou o despacho de pronuncia.

N'esses primeiros dias de carcere, o visconde foi afrontado com diversos ultrages—uns que se denominam direitos da justiça, e n'este caso se incluye o estolidio e brutal interrogatorio a seu feitor, e o abrirem-lhe as cartas procedentes do estrangeiro—outros que não sei d'onde enxurraram por não ser facil presumir em que lupanar uns trovadores de bordel aconsoantaram as coplas desbragadas que foram cantar-lhe defronte de sua janelia no Limoeiro. O visconde rivalisou em liberalidade com os insufladores d'aquella selvageria, por que, derramando alguns punhados de cobre sobre os desgraçados interpretes de mais alçados engenhos, os trovadores não voltaram, quer o cobre lhes batesse na consciencia, quer mais levantada cathegoria os remisse da tão ignobil mercancia dos seus dons apolineos.

Uma das cartas, que lhe foi entregue depois de lida, tornara-se suspeita por vir lacrada com as armas e iniciaes do duque de Montpensier. Ao, lerem-na, corria-lhes obrigação aos syndicos de se condoerem e invergonharem. Era o duque enviando confortos de amigo áquella familia em lucto pela morte da menina que o filho de

Luiz Filippe havia conhecido nas salas do visconde de Ouguella. Eis-aqui a textual carta onde a alçada do redi-vivo conde de Basto farejára crime de alta traição :

«Randa (Puy du Dôme) 26 de agosto de 1872. Mi muy querido vizconde. Por una casualidad acabo de saber la nueva y penible desgracia que v. ha sufrido en este mes. Nos assosiamos todos á su dolor con todos nuestros corazones afligidos tambien por repetidos golpes, y rogamos á v. ser con la vizcondesa y todos los suyos de interprete de todos los sentimientos que conservan y conservaran siempre hacia v.^{es} todos mi hijos y las infantas. Su mas afecto Antonio d'Orleans.»

O visconde de Ouguella, privilegiado nas graças insinuantes da conversação, e no dom de bemquistar assim o pobre que se valia de sua magnanimidade, como os favorecidos do acaso de illustre berço que se compraziam do seu talento, captivára a estima do pretendente á corôa de Espanha na temporada de residencia que sua alteza teve em Lisboa.

Vi, entre outras, a carta que o duque de Montpensier escreveu ao visconde de Ouguella em resposta aos pesames que repetidamente lhe enviára, por aquella celebrada catastrophe do infante de Bourbon, morto em duello. D'esta carta vislumbra um espirito sereno, firme diante da severidade da lei, submisso ao seu destino, igual na coragem com que espera a sentença do conselho de guerra, como esperára a bala no campo da honra, on-

de fôra attrahido por desaires que antepunham a dignidade ao receio da morte.

E' um documento, que nobilita o visconde, e não será de todo menosprezado no archivo da historia:

«Querido visconde. He esperado hasta hoy para dar le las gracias por sus dos cartas del mes passado, y sus repetidos ofrecimientos que tanto aprecio, y que no olvido, ni olvidaré nunca.

Espero ser jugado pronto por um consejo de guerra, segun es de ley por un capitan general. Desde el priméro dia espero y déseo que la justicia tuviera su curso en todo rigor. Recebo muy buenas noticias de Sevilla, donde todos se acuerdam mucho de vizconde y de la viscondesa a quien desean haja vizconde presente mis recuerdos, contando siempre con el miu aprecio de su mas afecto Antonio d' Orleans».

XII

 difamação portugueza mandou-se photographar no *Times* de 15 de outubro. O signatario é *um portuguez*, e symbolisa n'aquella palavra patronimica os creditos que se devem ao general de Thebas de incorruptivel veracidade.

O leitor curioso deseja informar-se do que nunca poderia saber da sua terra, se o *Times* lh'o não desse de torna-viagem. Póde ahi saber que Lisboa foi sobresaltada por um attentado contra as instituições; mas o mesmo informador desobstrue a sua consciencia biliosa, confessando que o governo dera á conspiração proporções que ella não tinha. Depois, conta que alguns chefes da conspiração tem sido prezos, como socialistas e republicanos; e por ultimo, já decorridos dois mezes depois da perturbação de

Lisboa, dá como quasi restabelecida a ordem. Dois mezes a restabelecer a ordem, mas... restabelecida quasi! Este portuguez, pelos modos, acha proporçoens diminutas as de uma revolução socialista republicana, e é de opinião que os conspiradores prezos visavam provavelmente a estabelecer a internacional socialista, o *beau ideal* da communa. Ora, se o plano dos conspiradores podia ser peor, defendamos Deus d'elles, e da historia escripta por este Fr. Bernardo de Brito do *Times*.

Outro periodico, que se publica em Londres, *L'union des actionnaires*, relata os acontecimentos de Portugal com mais elevada critica, sem embargo do colorido um tanto prejudicial á feição verdadeira dos pormenores. Entretanto, no remate d'esse artigo ha um relevo de verdade que deve amedrontar o paiz, muito mais que o terror das conspiraçoes contra os ministros: A VERDADEIRA REVOLUÇÃO ESTÁ NO THESOURO.

CONCLUSÃO

RACEI as linhas principaes da biographia do visconde de Ouguella. Quanto em mim coube, simplifiquei o estylo, por que, se me não engana o conceito d'esta obra, espero que m'a leiam mais pessoas dadas ao conhecimento da verdade que aos adornos da escripta.

Escrevi com affecto; mas sem o enthusiasmo que usa empoar a vista da crytica; escrevi com a consciencia da iniquidade que offende o meu amigo, mas sem odio aos inimigos d'elle. Entre estes ha uns que eu desculpo, quanto Deus me manda desculpar os ignorantes: soffrem e morrem muitos homens de bem esmagados pela estolidez de

oppressores inconscientes, pharizeos da politica. Ha outros que tem na alma lumes de rasão que lhes não deixa innoitecer e dormir a consciencia: esses sabem que são infestos á felicidade alheia; encaneceram na ambição de supremacias que não podiam alcançar aboroados á logica da honra; calejaram a sensibilidade nos atritos que venceram; remessaram-se, a galoens da calumnia. espo-reados pela inveja, por de cima de todas as barreiras; e, emfim, receando que a vida lhes fosse mais breve do que a arte, no ultimo quartel da existencia, tornaram-se ferozes. Taes e quejandos, se a Providencia nos castigasse hoje com um rei absoluto, armariam de cacete os pretorianos da antiga policia, e mandariam apear da Praça-Nova a estatua de D. Pedro iv para repôr os espeques no local onde ha quarenta annos espumavam sangue as cabeças expostas.

O povo portuguez teme-se da republica, do socialismo e da fusão iberica: é perdoavel o susto; mas não é racional. Do despotismo é que deve temer-se. A urdidura é mais ignobil que esperta. A luz é immensa, radia por todos os latibulos, a gente põe o dedo no peito dos despotas embrionarios, quando elles se cuidam a fa-

bricar na treva algêmas de ferro doirado para a liberdade. Alguns envolvem-se no immaculado manto real, e n'esse mesmo disfarce se denunciam.

Quando a liberdade os defronta com as armas da razão — que outras mais efficazes cahiram na terra onde dormem os 7000 de Ariosa de Pampelido—elles, os successores espurios da herança então ganhada, arrodelam-se com os pavezes do paço, e embaralham a inviolabilidade de suas pessoas com a conservação da dynastia.

Dizem-me que o rei de Portugal conhece lucidamente a sua epocha; mas não tem ainda a consummada sciencia de decifrar os homens do seu tempo, nem é licito increpal-o d'esse desar, sendo tantissimos os caracteres que, durante o seu reinado, lhe vão desfilar por deante da soberania indecisa. A abjecção desfigura uns, a cavillação outros, por que em todos fermenta a vaidade da privança —molestia que se não compadece com os reis constitucionaes, salvo quando a voragem se lhes está abrindo no declive do absolutismo.

Terroros d'essa queda são ainda intempestivos; mas virá um dia em que não sejam extemporaneos, se a generosa indole do snr. D. Luiz 1.º, guiada pelas sanctas tra-

dicções de sua augusta mãe e de seu adorado irmão, o não emergir acima de baixas intrigas que, sem lhe offuscarem a honra, podem desfalcar a gloria do seu reinado.

A prisão do visconde de Ouguella é uma injustiça irremediavel, por que ficará sendo sempre um arbitrio com dolorosas consequencias.

O visconde, creado d'el-rei, respeitou sempre a mão magnanima d'onde derivaram copiosamente as honras com que bons serviços e uteis talentos lhe foram premiados. Se a distancia e vida particular o tinham arredado das salas do rei, sobejam provas de reverente amor á familia real; e, quando ainda essas não desmentissem torpes depoimentos, fôra mister aos que lhe devassaram a consciencia affastar de redor do homem de bem a escuma social que o malsinou.

Os inimigos do visconde, acercando-se de delatores esponjados na escoria, deviam tremer pela responsabilidade que pozeram sobre si, identificando a justiça á consciencia d'elles. Se o seu proposito era quebrarem o braço robusto do marquez de Angeja, ou apavorarem o animo em demasia aventureiro do conde de Magalhaens, resalvassem a dignidade, respeitassem a liberdade de

um homem, que tanto os não temia que os esperou com o socêgo de innocente, absorvido na angustia em que o socobrar a morte de sua enteada. Deante da serena obediencia do prezo desprevenido devia de retrahir-se a iniquidade corrida de sua crueza. No momento em que tamanha punhalada se dava no seio de uma familia, os empenhados em seduzir a boa fé e impróvida bondade d'el-rei, deviam, por meio de seus servos agaloados, remediar a continuação da affronta, convertida já em cinco mezes de ferros.

Se o tribunal da Relação podesse encadear-se a respeitos ignominiosos, o conde de Ouguella estaria hoje deshonrado como inimigo do rei e da patria. Seria mister um heroico esforço, senão milagre de consciencia illesa, para não succumbir á grandeza do opprobrio confirmado por lei, e propagado na voz publica. Os respeitaveis juizes levantaram de sobre aquella alma um enorme peso de vilipendio; mas a liberdade, o sol, o contentamento, a familia, todos os direitos da existencia honrada lhe foram violados, e postos como hecatomba na ara onde o ministerio se balanceia a si proprio o incensorio, cobrindo-se com o docel do throno.

Que esperam d'esta abortada prenhez de odio os campeons equivoccos da liberdade?

Não esperam nem receiam. E'-lhes resolva o poder.

Demonstrada a innocencia do visconde de Ouguella, no que respeita á gravidade da culpa arguida, que ha depois que ver entre o innocente illibado e os inimigos convictos da calumnia? Não ha que ver nada. Ha a irresponsabilidade da infamia que se agacha na escuridão das suas ciladas. Ha a publica indifferença, que tanto monta quando injuria como quando louva. Ha, para o dizer em duas palavras, um ministerio que triumpho, lo-grando ter no carcere o homem que poderia odial-o, mas que nem sequer lhe tramou a queda.

Quando esta verdade, que me está na consciencia, illuminar a opinião do povo, o visconde de Ouguella terá padecido muito para que a bemquerença dos seus concidadãos o indemnisse. Elle sabiu de sua caza chorando um anjo, que lhe cahira do seio de pai aos braços da morte; e, voltando ao seio de sua familia, chorará ainda a perda esperança na dignidade de sua patria, depois de haver recebido no Limoeiro a recompensa dos quarenta an-

nos de serviços de seu pai velados no altar, onde D. Pedro IV deixára invulneradas a liberdade e a honra de a defender.

NOTA

Em alguns exemplares devem ser emendados os seguintes erros:

Pag. 40—lin. ult.—*1:170* — emende: *1:770*

» 54—lin. 12—*estonteou*— » *estontearam*

[illegible]

PRINTED IN U.S.A.

UC SOUTHERN REGIONAL LIBRARY FACILITY



A 000 669 165 3

